Pierre Barbet

A crucificação de Cristo

Descrita por um cirurgião

A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO DESCRITA POR UM CIRURGIÃO

PIERRE BARBET

A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO DESCRITA POR UM CIRURGIÃO

CENTRAL GOSPEL

© **2018** por Pierre Barbet

Coordenação de eBook
Elba Alencar
Diretora Executiva
Sarah Alencar
Gerente de Marketing
Renata Gonçalves
Nicole Freixo
Marketing

Conversão e distribuição de eBook
Brazil Deluxe
brazildeluxe.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BARBET, Pierre

Título em francês: *La Passion de N. S. Jésus Christ selon le chirurgien*
Título em português: *A crucificação de Cristo descrita por um cirurgião*

Rio de Janeiro: 2018
112 páginas
ISBN: 978-85-7689-619-7

1. Bíblia — Vida cristã I. Título II.

Gerência de projetos especiais
Jefferson Magno Costa

Coordenação editorial
Michelle Candida Caetano

Aquisição, adaptação e transcrição em português atual
Jefferson Magno Costa

Projeto gráfico e diagramação
Sanderson Costa dos Santos

Tradução
José Gomes Pereira

Capa
Pamella Caputi

1ª edição: Abril de 2018

Todos os direitos reservados ao autor. É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.
As citações bíblicas utilizadas neste livro foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida (ARC). Eventualmente, há citações em outras versões, conforme indicação. Todas elas visam incentivar a leitura das Sagradas Escrituras.

– SUMÁRIO –

Capítulo 1 - A CRUCIFICAÇÃO EM DOCUMENTOS DA ANTIGUIDADE

Capítulo 2 - O JULGAMENTO, A CONDENAÇÃO E A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS EM DOCUMENTOS ANTIGOS

Capítulo 3 - CAUSAS DA MORTE RÁPIDA DE JESUS

Capítulo 4 - SOFRIMENTOS PRELIMINARES

Capítulo 5 - AS FERIDAS NAS MÃOS

Capítulo 6 - AS FERIDAS NOS PÉS

Capítulo 7 - A FERIDA NO CORAÇÃO

Capítulo 8 - A DESCIDA DA CRUZ

Capítulo 9 - O SEPULTAMENTO

Capítulo 10 - A ÚLTIMA VISÃO DO QUADRO DO SOFRIMENTO

ANTES DE ESTUDARMOS TODOS os detalhes da crucificação de nosso Senhor Jesus Cristo, vejamos o que a arqueologia, a antropologia e as artes antigas

têm a nos ensinar sobre este tema.

Os gregos demonstravam verdadeiro pavor à crucificação, e por isso não a adotaram como forma de execução de seus criminosos. Ela só passou a fazer parte dos costumes gregos no tempo de Alexandre, o Grande, que a imitou dos persas. Foi praticada na Síria, sob os selêucidas, e no Egito sob o governo dos ptolomeus. Em Siracusa, cidade grega, Dionísio, o tirano, praticou-a inspirado pelos cartagineses.

Os romanos também a adotaram observando o exemplo dos cartagineses. Essa prática, que começou a ser usada em Roma como punição aos escravos, passou a ser aplicada também aos prisioneiros de guerra, aos desertores, aos ladrões, e sobretudo aos revoltosos vencidos. Tempos depois passou a ser muito explorada no país dos israelitas. O general romano Tito, destruidor do Templo de Jerusalém, entre os 1.100.000 judeus que suas tropas mataram durante a rebelião, mandou matar por crucificação 2.000 judeus que se rebelaram conta ele. A história registra que, nessa rebelião de 70 d. C, os romanos chegaram a crucificar 500 judeus por dia, segundo testemunho do historiador judeu e um dos comandantes das tropas judaicas rebeladas, Flávio Josefo.

Em tempo de paz, a crucificação era primordialmente o suplício usado contra os escravos. São numerosos os autores romanos que dão testemunho disto, como Tito Lívio, Cícero, Tácito, e outros. As comédias de Plauto em que aparecem tantos escravos, estão cheias de alusões bem diretas ao que os escravos consideravam, sem ilusões, seu fim natural: “Meu pai, meu avô, meu bisavô, meu trisavô, terminaram sua carreira crucificados”.

No começo, a cruz estava reservada a revoltas coletivas, como a que foi liderada pelo gladiador Spartacus, da qual sabemos que, após sua repressão, 6.000 cruzes ocupadas com os corpos dos revoltosos foram erguidas como balizas na estrada de Cápua a Roma. Mais tarde, os donos de escravos receberam o direito de decidir sobre a vida e a morte destes, sem apelação. Os escravos eram considerados animais.

Se esta situação foi, no início, motivada pela fuga dos infelizes escravos ou por outra falta grave, em breve as mais leves razões acabaram por ser consideradas suficientes para crucificá-los. Lembremos que, de acordo com um antigo e detestável costume, quando um senhor era assassinado e não se conseguia descobrir o criminoso, todos os escravos da casa eram crucificados.

Os próprios cidadãos romanos podiam ser crucificados. O grande senador e príncipe dos oradores romanos Marcos Túlio Cícero censurou veementemente essa atrocidade. Toda uma série de textos mostra que os romanos também eram curcificados regularmente, porém se tratava em geral de cidadãos humildes, libertos ou provincianos. Os famosos ataques de Cícero contra essa prática pretendiam isentar definitivamente o cidadão romano desse suplício.

INSTRUMENTOS DA CRUCIFICAÇÃO

Em geral, a cruz era formada por duas peças distintas. Uma das peças, a vertical, que ficava enterrada permanentemente como um poste fixo, era o *stipes crucis* – "o tronco da cruz". A outra, a parte móvel que se fixava horizontalmente sobre a primeira, se chamava *patibulum*.

1. O *stipes crucis*. Digamos em português: o tronco da cruz, porque "stipes" quer dizer tronco de árvore, estaca pontiaguda, era a parte a que, primitivamente, se dava o nome de "cruz". A "crux" ("cruz" em latim, "stauros" em grego), não é outra coisa senão uma estaca fixada verticalmente no chão. Alguns autores usaram as palavras "stauros" e "skolops" com o mesmo sentido, e empregaram o verbo "anaskolopizein" (empalar) para se referir à crucificação de Jesus e de Pedro.

O significado da palavra "crux" estendeu-se, em seguida, ao conjunto dos dois paus ajustados um ao outro, tal como o concebemos hoje em dia, na forma de +. A cruz na qual André foi crucificado, em forma de x, não era conhecida pelos autores antigos. A primeira menção que dela se faz é do século X, e a primeira imagem do século XVI.

Qual era a altura do "stipes" (tronco)? O pesquisador alemão Holzmeister distingue a "cruz humilis", que era curta, da "cruz sublimis", que era alta. Todas as citações históricas sobre a "cruz sublimis" mostram claramente que ela era reservada a personagens que os crucificadores queriam colocar em evidência.

Porém, a maioria das cruzes era baixa, "humilis". Isto permitia aos animais ferozes lançados na arena despedaçarem, à vontade, os crucificados. Segundo informação do escritor romano Horácio, nas encostas do monte Esquilino, em Roma, havia uma floresta permanente de "stipites" onde os condenados eram crucificados. À noite os lobos saíam de seus esconderijos nesse monte para devorar as pessoas crucificadas.

Outro historiador romano, Suetônio, conservou-nos um dos ignóbeis traços de Nero ao dizer que ele se disfarçava com uma pele de algum animal feroz na arena para satisfazer seu instinto sádico atacando os crucificados cristãos.

Consideremos também que usavam-se cruzes baixas na intenção de simplificar bastante a crucificação para os carrascos, principalmente quando os condenados eram numerosos. Sendo um suplício cotidiano, procurava-se sempre a comodidade para aqueles cuja profissão era crucificar os cristãos.

2. O *patibulum-furca*. O pau horizontal apresentava, pelo menos em Roma, uma origem bastante curiosa. Era inicialmente uma "furca", ou seja, uma peça de madeira em forma de V de cabeça para baixo, sobre a qual, nas paradas à beira das estradas, se descansava a lança dos carros de duas rodas. Quando queriam punir um escravo, colocavam-lhe a "furca" (= forcado) montada na nuca, prendiam-lhe as mãos às duas hastes e faziam-no passear pelas ruas obrigando-o a proclamar o que ele havia cometido. O comediógrafo romano Plauto, em sua peça "Mostellaria", verso 56, diz: "Assim carregando o patíbulo, levar-te-ão pelas ruas, com aguilhoadas".

Bem cedo essa caminhada expiatória passou a ser acompanhada pela desnudação e pelo açoitamento do condenado durante todo trajeto a que ele era obrigado a percorrer. Depois, para maior comodidade dos que açoitavam, aboliram a caminhada e passaram a enganchar a "furca" em uma estaca vertical fixa, o que permitia que o condenado fosse açoitado até a morte. O dramaturgo romano Plauto escreve em uma de suas peças: "Permito que me faças açoitar pendente na cruz" (Casina, verso 1003), e "Serás carcomido de açoites, enquanto pendurado (na cruz)" (Mostellaria, verso 1167).

Mas, como nem sempre se tinha à mão uma "furca", passou-se a usar um pedaço de pau comprido que servia para trancar as portas, e que se chamava "patibulum" (de "patere" = estar aberto, ao qual damos o nome de "tranca"). Foi assim que a parte horizontal da cruz, que em breve deixou de ser uma tranca tirada de alguma porta, tornou-se um pau retilíneo, levado pelo condenado, do tribunal ao campo dos "stipites". Ele o carregava, geralmente, sobre a nuca, tendo os dois membros superiores estendidos e amarrados sobre ele de modo a ficar, desta forma, também impedido de atacar quem quer que fosse. Compreende-se agora o porquê da sentença condenatória: "Põe a cruz sobre o escravo". Tertuliano compara este patíbulo à grande verga dos mastros dos navios romanos.

Sob o reinado de Constantino, quando a crucificação foi abolida, surgiu outra "furca". Era uma estaca bastante alta, terminada em forquilha, em formato de Y. Nela o condenado era enganchado pelo pescoço (a cabeça o impedia de cair), e desta forma morria rapidamente, por

estrangulamento. Porém, esse novo método de execução de condenados nada mais tinha em comum com a lenta morte de cruz.

3. A união dos dois paus. Os dois paus (o vertical e o horizontal) ficavam habitualmente separados. Como então o patíbulo era fixado sobre a haste vertical, o "stipes"? Isto podia ser feito de duas maneiras: ou fixando, através de pregos ou cordas, o patíbulo sobre uma das faces da estaca, ou apoiando-o sobre a extremidade da estaca. Ou fazia-se uma cruz (+) ou um T.

Quase todos os arqueólogos modernos afirmam que a cruz romana era em forma de T. Na arte cristã ela pode ser vista em todas as épocas sob as duas formas, se bem que o T pareça mais antigo. Era muito mais fácil a um carpinteiro preparar um T. Para isto bastaria ele cavar na madeira uma concavidade de encaixe no meio do patíbulo (o pau horizontal) e encaixar a extremidade da haste vertical nessa concavidade. Com uma cruz média de dois metros, no máximo, o encaixe poderia ser feito facilmente erguendo-se o patíbulo com os braços, sem necessidade de escadas ou suporte.

4. *O sedile*. Em alguns casos os crucificadores fixavam no "stipes", em sua parte média, uma espécie de haste horizontal, de madeira, que passava por entre as coxas do crucificado e lhe sustentava o períneo. Justino, o Mártir, falou sobre a "madeira da cruz, que está fixada no meio, sobressaindo-se como um chifre, sobre a qual se assentam os crucificados". Irineu disse que a cruz tinha cinco extremidades, e sobre a 5ª "descansava" o crucificado. Tertuliano também fala (Contra Márcion) do "sedilis excessus", que lembra o chifre do rinoceronte. "Sedile" quer dizer simplesmente um assento qualquer, e é provavelmente por causa destas passagens que os autores modernos chamam à haste perineal de "sedile".

Porém, ao estudarmos a *causa mortis* na crucificação, veremos que este apoio era destinado a prolongar consideravelmente a agonia do crucificado por diminuir a tração sobre as mãos, causa de tetania e asfixia. É mais provável que as cruzes não o tivessem, e que só fosse acrescentado quando se desejava prolongar o suplício. Compreende-se facilmente que quando era necessário fabricar centenas de cruzes, os carpinteiros não buscavam complicar muito as peças de madeira que a justiça lhes encomendava com um trabalho suplementar que sabiam ser perfeitamente inútil.

Veremos, além disto, ao estudarmos as chagas das mãos, (capítulo 5), as razões por que estou convencido da ausência deste suporte na cruz de Jesus. Aliás isto explica, ao menos em parte, a brevidade de sua agonia.

Além do mais o *sedile* não foi representado pelos mais antigos artistas, pintores ou escultores que trabalharam o tema da crucificação do nosso Salvador. É verdade que tal fato não constitui argumento contra sua existência histórica, mas tenho certeza científica que ele não foi usado na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo.

5. *O suppedanaeum*. Em compensação, os artistas têm representado, com grande frequência, o supedâneo. Era uma espécie de pequeno degrau, e supostamente permitiu que Jesus apoiasse a ponta dos pés crucificados sobre ele. Encontramo-lo mencionado pela primeira vez em Gregório de Tours (século VI) em seu livro "De Gloria Martirii" [A glória do martírio]. Quando estudarmos a crucificação dos pés (capítulo 6), veremos como nasceu e se desenvolveu esta pura imaginação de artista.

6. *Os instrumentos de fixação* – Os cravos nas mãos e nos pés eram a maneira habitual, essencial de fixação à cruz, quaisquer que fossem os motivos da condenação e a situação social do condenado. Tanto eram pregados os escravos como as pessoas livres, os judeus ou os romanos.

O erro que atribui a Jesus o monopólio dos cravos deve-se a uma frase de Tertuliano (Contra Márcion): "Somente Ele foi crucificado de modo tão especial". Tão somente por causa de Tertuliano a iconografia cristã passou a representar Jesus pregado à cruz entre dois ladrões amarrados.

Realmente os dois modos de fixação (cravos e cordas) estiveram em uso, desde o começo, entre os romanos. Mas eram empregados em ocasiões diferentes, nunca combinados durante uma mesma execução de condenados. E nenhum texto insinua ou permite crer que os dois métodos tenham sido empregados simultaneamente sobre o mesmo crucificado. Os peritos sabiam perfeitamente que três cravos, quatro no máximo, eram mais que suficiente para executar uma crucificação rápida e sólida. O que passava disso era pura imaginação.

Creio que os cravos eram empregados com muito maior frequência. Em numerosos textos, não somente os cravos são formalmente citados, mas também fazem-se menção dos fluxos de sangue que manavam dos ferimentos dos que eram cravados na cruz. O romancista romano Apuleio cita no seu livro O Asno de Ouro: "Estas bruxas vão recolher o sangue de assassinos aderentes à cruz, para com ele exercer sua vergonhosa magia". O termo técnico, que em grego designa com maior frequência a crucificação, é "proselosis", do verbo "pros-helõ", ou seu sinônimo "kathelosis", do verbo "kathelõ", e ambos significam "cravar", "pregar". E

os dois têm por raiz o substantivo “helos”, que quer dizer “cravo” ou “prego”.

MODALIDADES DA CRUCIFICAÇÃO

Tudo indica que a crucificação estava fixada em suas minúcias por uma série de leis e regulamentos internos, o que, no entanto, não impedia que houvesse sempre por parte dos carrascos uma certa fantasia sádica.

1. *Flagelação preliminar*. Não estamos falando aqui do açoitamento que era mandado aplicar como castigo ou tortura em si, nem mesmo como um modo de matar os condenados, e sim tão somente do açoitamento que era o preâmbulo de toda e qualquer execução capital. Todo condenado à morte devia ser, por lei, açoitado preliminarmente, quer fosse a execução feita pela crucificação, ou por decapitação ou pelo fogo. Dela somente estavam isentos, segundo o historiador Theodor Mommsem, os senadores, os soldados e as mulheres que gozassem do direito de cidadania.

Entretanto, nos casos de decapitação, não se aplicava o chicoteamento propriamente dito, e sim a fustigação, que se fazia com varas.

A flagelação, que primitivamente era aplicada quando o condenado já estava sobre a cruz, passou, com o tempo, a ser aplicada no próprio local do tribunal. O condenado era ali atado a uma coluna (provavelmente com as mãos amarradas por sobre a cabeça, pois esta era a melhor maneira de imobilizá-lo, pois ele só podia repousar sobre as pontas dos pés). Encontramos em Plauto esta referência: “Levai-o para dentro e amarrai-o solidamente à coluna” (Bacchides).

Despiam o condenado antes de o açoitarem. Que instrumento era usado na flagelação? O “flagrum”, instrumento especificamente romano. Era o que nós conhecemos hoje como açoite ou chicote. Compunha-se de um cabo curto ao qual estavam fixadas grossas e compridas tiras de couro cru. Na extremidade dos chicotes estavam inseridas pequenas esferas de chumbo ou ossos de carneiro.

As correias iniciavam a inchação e os primeiros cortes na pele, enquanto as pequenas esferas e os ossinhos imprimiam profundas contusões. A consequência disto era uma grande hemorragia e um enfraquecimento considerável da resistência do condenado.

O número de golpes com o açoite era, segundo a lei judaica, rigorosamente limitado a 40. Mas os fariseus, gente escrupulosa, para ter

absoluta certeza de não ultrapassar o número, exigiam que se contasse "40 menos 1", isto é, 39. Entre os romanos, a lei não conhecia outro limite senão a necessidade de não matar o condenado sob os golpes. Era ainda necessário que ele ficasse com forças suficientes para carregar seu patíbulo, e que morresse sobre a cruz. Ele era, às vezes, como diz Horácio "dilacerado pelos açoites… até enfastiar o carrasco" (Épodo IV).

2. *O carregamento da cruz*. Portanto, o condenado, prévia e devidamente flagelado, percorria a pé, despojado de todas ou de quase todas as suas roupas, e carregando o seu patíbulo, o trajeto do tribunal ao local do suplício, onde o estava esperando seu "stipes" (a haste vertical da cruz) no meio de verdadeira floresta de outros semelhantes.

A expressão "carregar a cruz" (em grego "stauron bastazein") só se encontra nos textos gregos ou rabínicos (em Plutarco, Artemidore, Chariton, nos comentários judaicos do Gênesis, e no Novo Testamento, entre outras fontes). Em latim, só é encontrada nas versões latinas da Bíblia. E como já vimos, é por sinédoque que a palavra cruz designa a parte horizontal desta.

O patíbulo era colocado sobre as costas e braços do condenado estendidos transversalmente, e em seguida amarrado nas mãos, braços e peito. Era, portanto, só o patíbulo que o condenado carregava. Como sempre, o dramaturgo romano Plauto, entre outros textos que poderíamos citar, resume tudo isto com uma frase: "Que leve o patíbulo pela cidade, depois será cravado na cruz". (Carbonária).

A haste vertical da cruz (o "stipes crucis"), pelo contrário, esperava o condenado no lugar do suplício. Cícero criticou Labieno que "no campo de Marte… mandou fincar e estabelecer a cruz para o suplício dos cidadãos" (Em defesa de Rabínio). Esta expressão "mandou fincar e estabelecer", pode ser melhor traduzida como "mandou colocar permanentemente". Políbio cita o caso de um crucificado, em Cartago, que foi enganchado a uma cruz que já tinha um outro corpo.

Em Roma, o Montfaucon era representado pelos campos Esquilíneos, tornados célebres por Horácio, e onde se elevava, segundo Saglio (Dict. Daremberg) uma verdadeira floresta de cruzes, um bosque de "stipites". Estava fora da Porta Esquilínea. Para os que conhecem Roma, ficava pouco mais ou menos na "Piazza Vittorio Emanuele", um pouco além de Santa Maria Maior, para quem vem do centro.

Outro detalhe confirma o fato de que o condenado só carregava o patíbulo. O patíbulo sozinho devia pesar cerca de 50 quilos, e a cruz inteira devia ultrapassar os 100 quilos. Carregar o patíbulo não deixava de ser uma prova bem rude para um homem que acabara de sofrer severa flagelação e, consequentemente, perdera boa parte de seu sangue e de suas forças. Como poderia então ele carregar a cruz inteira, que pesava mais de 100 quilos? Pois não se fala nunca em arrastá-la. Todos os textos trazem o termo *bastazein*, "carregar", e nunca *thahere*, "arrastar".

Outro detalhe: À frente daquele que carregava a cruz ia alguém carregando o *titulus*, um pedaço de madeira sobre o qual estava escrito o nome do réu e o crime pelo qual ele fora condenado. Às vezes o próprio condenado levava esse titulus pendurado no pescoço. Depois, ele era fixado no alto da cruz.

3. *Modo da crucificação*. Tudo o que acabamos de dizer sobre o fato de o condenado carregar somente o patíbulo, e depois este ser fixado sobre a haste vertical no local do suplício, supõe aquele modo que com tanta concisão e clareza expressou Firmicus Maternus: "O réu, pregado ao patíbulo, é içado para cima da cruz". Quando a crucificação era feita com cordas, bastava enganchar o patíbulo sobre o qual o réu tinha sido amarrado, e em seguida prender-lhe os pés à haste vertical com algumas laçadas de corda. Mas quando a crucificação era feita com cravos, era necessário desamarrar o condenado e deitá-lo por terra com as costas sobre o patíbulo, puxar-lhe as mãos e cravá-las sobre as extremidades do patíbulo. Depois então é que ele era levantado já pregado no patíbulo, e este era enganchado no alto do "stipes" (ou haste vertical). Isto feito, nada mais restava senão pregar-lhe os pés diretamente sobre o "stipes".

Esse soerguimento era feito com certa facilidade, sobretudo quando a cruz não ultrapassava os dois metros. Quatro homens podiam com facilidade soerguer nas mãos o patíbulo e o condenado, que deviam pesar no máximo uns 130 quilos. Podiam também fazer o condenado subir de costas uma pequena escada encostada ao "stipes". Se a cruz fosse mais alta, deveriam então servir-se de forquilhas para erguer o patíbulo, ou de duas escadas maiores encostadas lateralmente ao "stipes". De qualquer modo, não havia grandes dificuldades a superar.

Esta técnica é, por outro lado, sugerida pelas expressões empregadas para designar a própria crucificação. Todas elas dão a ideia de elevar. Em grego *epibainein ton stauron*, "subir para a cruz", e em latim *in crucen ascendere*, "ser içado à cruz".

O próprio Jesus descreveu esta técnica quando predisse a morte de Pedro: "Estenderás as mãos e um outro te cingirá e te conduzirá para onde

não queres. Jesus disse isso para indicar o tipo de morte com que Pedro iria glorificar a Deus" (Jo 21.18,19) O "estender das mãos" era a aplicação do patíbulo no tribunal, sobre as costas e membros superiores do condenado. Cingiam-no, depois, com uma corda para o conduzir ao lugar do suplício.

Às vezes, a fantasia dos carrascos podia variar o modo regular da crucificação. Alguns defumavam os crucificados ou os queimavam. Outros modificavam a posição clássica, pregando-os de cabeça para baixo, como fizeram na Palestina durante o governo do imperador Diocleciano (244-311 d. C.), conforme nos informa Eusébio. Sêneca escreveu: "Vejo cruzes de gêneros diversos, e alguns ali estão pregados de cabeça para baixo". Segundo informação de Orígenes, Pedro foi assim crucificado.

4. *A guarda militar*. Toda execução devia ser feita legalmente com um aparato inteiramente militar, sob as ordens de um centurião, conforme testemunha Sêneca: "O centurião arrastava a multidão daqueles que iam perecer". O exército, que já se havia encarregado da flagelação, fornecia a escolta para conduzir os condenados do tribunal ao lugar do suplício. Era ainda entre os membros dessa escolta que se recrutavam os carrascos para a crucificação. O exército regular também fornecia uma guarda para ficar velando ao pé da cruz. Esses guardas tinham a função de impedir que parentes ou amigos da vítima viessem e a tirassem da cruz. Era necessária, portanto, uma guarda permanente ao pé da cruz até à morte dos condenados. E essa guarda muitas vezes ficava até após a morte do crucificado, segundo o testemunho de Petrônio, "para que não viesse alguém roubar o corpo para sepultá-lo". O que era feito, pois, dos cadáveres dos crucificados?

5. *Sepultar e não sepultar*. Em geral, os cadáveres ficavam na cruz para servir de pasto a aves e animais selvagens. Assim responde Horácio a um escravo inocente: "Tua carne não alimentará na cruz os corvos". (Ep. I, 26). No seu livro Épodo (Cap. V), o mesmo Horácio escreveu: "Depois teus membros insepultos serão devorados pelos lobos e aves do Esquilínio". Muitos outros autores comentam o mesmo tema (Petrônio, Sêneca, Artemídoro, etc.).

Porém, os corpos também podiam ser solicitados pelas famílias que quisessem lhes assegurar uma sepultura decente. E parece que a lei facilitava sem dificuldades nem taxas esta última concessão. Qualquer um podia solicitar os cadáveres. Até mesmo as cinzas dos que haviam sido condenados ao fogo (pandectas) podiam ser devolvidas. As provas que temos destas leis de clemência são precisamente os casos em que a autorização gratuita foi recusada, e que são apontados como exceção. Cícero, no seu livro Dos Suplícios, censura veementemente a Verres o fato de este ter pedido muito dinheiro para entregar os corpos de supliciados

que suas famílias não queriam ver devorados por animais. Tal extorsão, diz o grande orador, era contrária à lei.

Por outro lado, o juiz podia, uma vez que a autorização dependia dele, recusá-la em certos casos por vários motivos em que geralmente entrava o ódio contra o condenado. Vespasiano acrescentou esta pena suplementar à condenação de alguns revolucionários que pretendiam matar o imperador, e que por isso foram crucificados e tiveram seus corpos atirados aos monturos de lixo, sem direito à sepultura (Suetônio). O imperador Otávio Augusto, após a batalha de Filipos, proibiu o sepultamento de um cativo de certa fama, respondendo aos que vieram lhe pedir para sepultar o morto, que bem cedo isto seria o ofício dos abutres (Suetônio). Semelhantemente Flaccus, prefeito do Egito, no ano 38 da nossa era, não autorizou a sepultura para certos judeus crucificados (Filon, in Flaccum).

6. O golpe com a lança. Quintiliano, que é do século I, escreveu: "O carrasco não impedirá que sejam sepultados os que foram feridos". Esta afirmação introduz aqui uma informação nova, e que interessa diretamente nosso assunto. O que ele queria dizer, na realidade, com esse ferimento? Não se tratava do suplício em si mesmo nem da flagelação, uma vez que estava-se tratando de condenados à morte, e sabe-se que estes já haviam sido flagelados e crucificados.

Tratava-se, portanto, de um golpe especial, posterior ao suplício, e que lembra o que se costuma chamar em nossos dias de "golpe de misericórdia". É aquele último golpe que se dá na vítima para se ter certeza de que ela está realmente morta. Podemos, pois, com bom fundamento, interpretar a frase de Quintiliano como: "O carrasco permitirá o sepultamento dos supliciados depois que estes tiverem recebido o golpe de misericórdia". Mas, em que consistiria este golpe de misericórdia regulamentar, indispensável para que o carrasco autorizasse a entregar o corpo à família? Origenes fala claramente (Comentário a Mateus) que era um golpe no coração. Era um golpe que se dava, às vezes, logo depois da crucificação para matar rapidamente o condenado.

Assim, pois, quando a família pedia o cadáver, o carrasco devia antes de tudo ferir o coração do crucificado. Como geralmente o carrasco era um soldado, o golpe devia ser executado com a arma que ele tinha em mão, geralmente uma lança ou um dardo. Este golpe no coração, dado pelo lado direito do peito, era conhecido como infalivelmente mortal pelos soldados dos exércitos romanos. Proporcionava, pois, certeza sobre a morte real do condenado… ou, se fosse o caso, a provocaria.

A CONDENAÇÃO

PARA JESUS SER CONDENADO era necessário um motivo que caísse sob a legislação romana. Em Jerusalém, só Pilatos possuía o *jus gladii*, isto é, o direito de vida e de morte, e os judeus, se bem que amargamente, reconheciam isso. Os motivos de ódio dos sinedritas não podiam, portanto, ser apresentados perante um funcionário romano. É por isso que, logo de início, acusaram Jesus de levar o povo à revolta. Mas foi suficiente uma curta investigação, confirmada pela indiferença de Herodes, para destruir, no espírito de Pilatos, esse pretexto de acusação. Por isso ele repetiu três vezes: "Nada achei contra ele para condená-lo à morte" (Lc 23.22).

Os judeus então alegaram que Ele afirmava ser Filho de Deus, o que, segundo a lei judaica, implicava em pena de morte. Isto, porém, também não abalou o procurador. Antes, pelo contrário inquietou vagamente sua alma supersticiosa, pois para um pagão, "filho de Deus" é sinônimo de "herói". É evidente que Pilatos fez todos os esforços para libertar aquele homem manifestamente inocente e que lhe impunha respeito.

Não foi senão após numerosos giros e tentativas que os judeus acabaram finalmente por encontrar o motivo que forçaria Pilatos a condená-lo: "Ele se fez rei, e se tu o libertares, não és amigo de César". Astúcia verdadeiramente satânica, porque além de incluir um capítulo de acusação regular de bastante gravidade, a "rebelião contra César", veio perturbar profundamente a inquietude egoísta de um pobre funcionário colonial, que temia desgostar o governo central e mesmo vir a ser incluído em tentativa subversiva contra o imperador.

Desse momento em diante, todas as intenções de benevolência, todos os cuidados de justiça, que eram motivo para muito se admirar em um bruto romano, tudo se volatilizou perante objeto de acusação tão grave e singularmente comprometedor. A partir desse momento, a condenação foi automática e a aplicação da lei exigiu a morte por crucificação: rebelião contra César.

O procurador vingar-se-á dos judeus escrevendo sobre o "títulus": "Jesus nazareno, rei dos judeus", e mantendo a inscrição, apesar de todas as reclamações. "O que escrevi, escrevi" (Jo 19.22), palavras que são a evidente expressão de seu ressentimento e mau humor.

O AÇOITAMENTO

Trata-se agora de saber se esse chicoteamento foi aquele que todo condenado à morte recebia, ou se foi realizado como um suplício à parte. Mateus e Marcos não nos fornecem elementos para resolvermos esse problema, porque escreveram simplesmente: “Após ter mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado” (Mt 27.26; Mc 15.15). É um simples enunciado da sucessão dos acontecimentos, e era o que acontecia em todas as condenações à morte.

Já em Lucas, vemos que Pilatos repete duas vezes aos judeus: “Depois de castigá-lo, o soltarei” (Lc 22.16,22). Disto conclui-se que sua intenção de mandar chicotear Jesus era por que Pilatos considerava o chicoteamento uma punição em si mesma. Mas Lucas não deixa claro que Pilatos tenha realmente mandado chicotear Jesus. É só no evangelista João, que sempre fazia questão de deixar tudo bem esclarecido, que encontramos a conclusão desse assunto: “Então Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo” (João 19.1). Como se vê, o açoitamento veio antes da sentença de morte. Não era, portanto, a flagelação preparatória, legal. Mas o resultado não era diferente.

A COROAÇÃO DE ESPINHOS

Já falamos sobre o costume de submeter o condenado a todas as espécies de zombarias e maus tratos. Com relação a Jesus, havia um detalhe que iria aguçar a perversidade dos carrascos: ele era acusado de ter-se declarado rei dos judeus, acusação esta que logo em seguida iria resultar em sua condenação à morte. É certo que tal título de realeza judaica devia parecer aos legionários do Império imensa palhaçada, e era natural que lhes acorresse logo a ideia de aproveitar a oportunidade para fazer deste título uma cruel zombaria. Daí a coroa de espinhos, a velha clâmide como manto de púrpura, e um caniço como cetro.

Filon nos descreve um outro exemplo (in Flaccum) deste profundo desprezo dos romanos pela realeza judaica. Poucos anos após a morte de Jesus, estando o rei Agripa de passagem por Alexandria, a população, que não gostava dele, se apoderou de um pobre coitado, e colocou-lhe na cabeça um fundo de cesta à maneira de diadema, envolveu-o com uma esteira, pôs-lhe na mão um caniço, deu-lhe guardas pessoais cheios de ironia, e cercou esse rei de honrarias ridículas. A palhaçada assim improvisada tinha a intenção manifesta de ser um insulto à realeza judaica de Agripa.

Tornaremos a examinar os detalhes da coroação de Jesus ao estudarmos as chagas que dela resultaram.

O TRANSPORTE DA CRUZ

Jesus, condenado por um romano a ser crucificado, só carregou, conforme a lei romana, o patíbulo e não a cruz inteira, como erradamente o representa a maior parte dos artistas.

Será que esse patíbulo estava amarrado com cordas aos dois braços estendidos de Jesus, como era o costume em Roma, ou Ele o levou livremente sobre os ombros? O episódio de Simão Cirineu parece indicar que Jesus estava conduzindo o patíbulo livremente, sem cordas. De acordo com os outros evangelistas, Jesus levou pessoalmente sua cruz.

Depois os soldados percebendo que Ele não conseguiria chegar dessa forma ao Calvário, obrigaram um homem de Cirene a carregar a haste horizontal, ou o patíbulo. Isto parece indicar, sem grande certeza, porém, que o patíbulo estava livre sobre seus ombros. Lucas diz que puseram a cruz sobre os ombros de Simão "para que ele a levasse atrás de Jesus" (Lc 23.26), o que quer dizer que Jesus caminhava na frente, conduzido pelos soldados, e Simão o seguia, carregando sozinho o patíbulo. Estamos bem longe, portanto, de alguns quadros em que Jesus aparece carregando imensa cruz, da qual Simão apenas ergue a extremidade inferior da haste vertical, atrás de Jesus. Isso não passa de pura imaginação de artista.

A fricção da trave resvalando sobre as costas, sempre que Jesus caía sob o peso da cruz, ia esfolando mais e mais uma região que já fora duramente castigada pelo açoite com pedacinhos de ossos e rodelas de ferro nas pontas.

Jesus também não foi submetido ao costume romano segundo o qual os condenados caminhavam para o suplício completamente nus. "Depois de zombarem dele, despiram-lhe a púrpura, e o vestiram com suas próprias vestes: então o levaram para fora, a fim de o crucificarem" (Mc 15.20). Essa exceção é explicada facilmente pelo hábito que os romanos tinham de respeitar os costumes dos povos dominados por ele. Flávio Josefo comenta (Contra Ápiom): "Os romanos não forçam os povos submetidos a transgredirem as leis desses povos".

Acrescentemos ainda que costumavam amarrar os braços do condenado ao patíbulo com o objetivo primordial de evitar toda e qualquer reação violenta deste, pois ele, já que havia sido condenado à morte, estava disposto a tudo, tornando-se, portanto, perigoso.

Quanto ao réu especial que era Jesus, os soldados logo perceberam que Ele era totalmente inofensivo, tanto por sua serena mansidão manifesta durante todo o processo, quanto pelo estado de fraqueza a que deveria estar reduzido após o tratamento a que fora submetido durante a flagelação. Para eles o único problema era o de conduzi-lo vivo até o Calvário.

A ALTURA DA CRUZ

Podemos calcular essa altura considerando o que os soldados usaram para erguer a esponja embebida em vinagre até os lábios de Jesus. Mateus e Marcos falam em caniço (Mt 27.48; Mc 15.36). Esse termo em hebriaco é "hysso", e quer dizer dardo. O dardo tem precisamente o aspecto de caniço. Esse "hyssos", ou o "pilum" romano, tinha cerca de 90 cm de comprimento. Desta forma a esponja podia ser facilmente erguida a 2,50 metros. Portanto, a cruz em que Jesus foi crucificado era baixa.

Foi usada a "crux humilis" porque não havia razão para se fincar um tronco especial, mais alto, mesmo que fosse para se fazer zombaria ao "Rei dos Judeus". Não havia tempo para isto, e os stipes (a parte vertical da cruz) estavam fincados permanentemente no Gólgota, local habitual de execuções. E esses stipes eram baixos, para facilitar o trabalho frequente dos carrascos. Além de Jesus, condenado às pressas, deveriam ser executados naquele dia dois bandidos condenados por julgamento regular. Tratava-se, pois, de execuções regulares.

Os stipes tinha quase dois metros de altura, o que permitia enganchar facilmente neles o patíbulo. Os pés podiam ser pregados com facilidade, a cerca de 50 cm do solo. A boca do crucificado ficava quase na mesma altura do patíbulo, e, portanto, a quase dois metros do chão. Certamente era mais cômodo colocar a esponja na ponta de um dardo para erguê-la a essa altura do que fazer o esforço para erguê-la com a mão.

Um outro fato a ser levado em conta nesta questão é o golpe de lança. É certo que anatomicamente falando, o golpe foi dado obliquamente, mas quase horizontal. Ora, em minha hipótese de dois metros, o peito de Jesus estaria a cerca de 1,50 metro do solo. Um soldado de infantaria podia, pois, com facilidade, aplicar este golpe com o simples levantar dos braços. Com a cruz mais alta, isto seria simplesmente impossível. Ora, os soldados eram certamente legionários e, portanto, infantes. Eram comandados por um centurião, oficial de infantaria, oficial não montado. Ora, somente um soldado da cavalaria teria podido desferir o golpe quase na horizontal sobre um crucificado mais elevado.

Podemos citar ainda o texto de Eusébio, que diz que a mártir Blandina "fôra exposta (na cruz) como pasto às feras". Tratava-se, portanto, da cruz baixa, ordinária, a das arenas. "E pendente da cruz, assemelhava-se àquele que foi em benefício deles mesmos (os mártires) crucificado". Iria esta semelhança até as dimensões da cruz? Não quero forçar o texto, mas bem me parece que o sugere.

Porém, há quem se apegue a uma expressão usada por Jesus para tentar defender que ele foi crucificado em uma cruz alta: o verbo "hypsousthal – ser levantado", que Jesus aplica a si mesmo três vezes no evangelho de João (Jo 3.14;8.28 e 12.32), referindo-se à sua crucificação. Na terceira vez Ele diz: "Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim". Porém, é evidente que uma cruz das dimensões da que nós estamos afirmando que foi utilizada na crucificaçõ de Jesus satisfaria também plenamente o sentido deste verbo.

O FORMATO DA CRUZ

Como teria sido a cruz de Jesus: em forma de T ou em forma de +? Muitos dos antigos escritores da Igreja acham que era em forma de +. Mas não encontramos na Patrologia nenhuma afirmação bastante clara neste sentido. O Pseudo Barnabé, Orígenes e Tertuliano afirmaram que a cruz era em forma de T. Tertuliano dizia que a passagem de Ezequiel em que o Senhor ordena que a fronte dos homens de Jerusalém fosse marcada com um sinal (Ez 9.4), esse sinal era um tau (o nome do T em grego), e isto era já uma prefiguração da cruz onde Jesus seria crucificado.

Seria realmente interessante saber como os cristãos dos primeiros séculos imaginavam a cruz. Infelizmente, esta era, em todo o mundo romano, um objeto que inspirava um horror tão grande e acarretava tanta infâmia que ninguém ousava exibi-la, mesmo aos olhos dos fiéis. Toda a pregação apostólica era uma pregação alicerçada no triunfo da Ressurreição. Portanto, Jesus era representado triunfante, vivo diante da cruz. Somente na idade média é que se desenvolveria a imagem e o culto da Paixão, a idade mística da Compaixão.

Nas catacumbas, a cruz é extremamente rara. Só foram encontradas umas vinte, e as escavações quase não aumentaram esse número. São cruzes nuas, sem corpos. Em lugar da cruz aparece com muito mais frequência outros símbolos, como a âncora, que representa a esperança, e Jesus é nossa maior esperança! Aliás, a âncora está muitas vezes associada ao peixe, que geralmente a cobre. Peixe é em grego “ichthys”, cujas letras são as iniciais das palavras gregas correspondentes a: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. O peixe deitado por sobre a âncora, e algumas vezes sobre um tridente, é excelente imagem da cruz. A âncora evoca, por sua forma, claramente a cruz em T.

Portanto, ao longo dos séculos, a cruz tem sido representada sob as formas de T e de +. Como se vê, os indícios sobre a cruz de Jesus são bem raros e bastante imprecisos. Mas também aqui não vejo razão para que se tenha fabricado uma cruz especial para Ele. A cruz onde ele foi crucificado foi uma das cruzes comumente usadas no Gólgota. Seria uma

cruz de altura média e em forma de T, como o eram normalmente as cruzes romanas, segundo o parecer dos arqueólogos.

OS CRAVOS

Jesus teve os dois pés e as duas mãos cravados sobre a cruz. Este fato havia sido profetizado por Davi: “Pregaram-me as mãos e os pés” (Sl 22.16), e está também de acordo com a afirmação do próprio Salvador que disse aos apóstolos reunidos no Cenáculo, por ocasião de sua primeira aparição: “Vede minhas mãos e meus pés, que sou eu mesmo!” (Lc 24.39).

O único problema a resolver está no número dos cravos: Foram três ou quatro? Ou, em outras palavras: os pés de Jesus foram pregados separadamente ou um sobre o outro, com o mesmo cravo? A arqueologia romana parece absolutamente muda sobre este ponto. Os antigos autores eclesiásticos se dividem entre as duas opiniões, mas infelizmente não apresentam os motivos de suas preferências.

Cipriano, Ambrósio e Gregório de Tours falam de quatro cravos. Porém Nonius, no século IV, fala que Jesus foi crucificado “com os pés cruzados”. Gregório Nazianzeno escreve que Jesus foi “colocado no madeiro com três cravos”, e Boaventura acrescenta que “aqueles três cravos sustentavam todo o peso do corpo”.

E é nisto que nós acreditamos, e a maioria das evidências confirma. Jesus teve os seus pés cravados na cruz, um sobre o outro, e para isto foi utilizado um só prego (ou cravo).

JESUS ESTAVA NU SOBRE A CRUZ?

Está fora de dúvida que, antes de crucificarem Jesus, tiraram suas roupas, pois João nos informa que os soldados as dividiram entre si e lançaram sorte sobre sua túnica (João 19.23,24). Trata-se, pois, de saber se mantiveram algum pano cobrindo a sua nudez da cintura para baixo. Alguns estudiosos afirmam que Jesus estava na cruz completamente nu, porém baseiam geralmente sua opinião em razões de simbolismo tiradas do Antigo Testamento (por exemplo, Adão estava nu quando pecou, e Jesus deveria estar nu quando nos resgatou), ou se referem ao "costume romano", sem apresentarem nenhuma outra prova histórica especial para o caso de Jesus.

A esta opinião podemos opor um texto apócrifo tirado dos "Atos de Pilatos", segundo o qual, depois de terem tirado as roupas de Jesus, teriam restituído a Ele um "lention", palavra grega que quer dizer "pano", uma espécie de tanga.

Seria de admirar que os romanos que o haviam tornado a vestir após o açoitamento, e antes que Ele começasse a carregar a cruz — isto, diga-se de passagem, contrariando seus próprios costumes devassos a fim de respeitar a tradição nacional e as ideias judaicas de decência — após dividirem suas roupas e lançarem sorte sobre sua túnica, não lhe tivessem deixado pelo menos esse pano cobrindo sua nudez quando ele foi pregado na cruz.

O costume judaico era o seguinte: "Chegando à distância de quatro côvados do local da crucificação, despe-se o condenado e, se for um homem, ele deverá ser coberto pela frente; se for mulher, deverá ser coberta pela frente e pelas costas" (Tratado do Sinédrio, questão VI). Mas todas essas polêmicas ficam profundamente influenciada pelo "costume romano". Entre eles, o crucificado deveria ficar nu? É o que afirma Artemídoro. Porém, o termo "estar nu" conforme o entendemos hoje (completamente despido de roupa) não tinha o mesmo significado entre os antigos. Todas as pessoas do tempo de Jesus usavam por debaixo das vestes, quaisquer que fossem, o que chamavam de "subligaculum". Era

uma espécie de calção, formado por uma faixa de pano que se enrolava em volta dos rins e das coxas, e que era usado permanentemente.

Marcos conta (14.15) que após a prisão de Jesus, um jovem – provavelmente ele mesmo — seguiu o cortejo usando tão somente um "sindon" (um lençol?) sobre o corpo nu. O "sindon" era uma comprida peça de pano com que as pessoas envolviam o corpo por debaixo da túnica, e que era utilizada como roupa noturna. Marcos estava dormindo no Jardim das Oliveiras, e certamente despira sua túnica, mas com certeza conservara seu "subligaculum" por debaixo do "sindon".

Ora, quando os guardas o quiseram pegar, ele abandonou o "sindon" e "fugiu nu". Parece, portanto, que esta nudez não eliminava o "subligaculum".

A questão é um tanto polêmica. Vejamos o que dela pensou a iconografia. Pode-se dizer que nenhum artista ousou representar a total nudez de Jesus na cruz. Nas primeiras representações artísticas importantes que temos, Jesus e os dois ladrões usam o "subligaculum".

Após ter defendido, durante algum tempo, a tese de que Jesus foi crucificado vestido do "subligaculum", não pude deixar de considerar a opinião de todos os antigos escritores da Igreja. Todos falam de "nudus, nudita, gymnos, gymnesthai — nu, nudez, nu, ser desnudado". O grande pregador João Crisóstomo, por exemplo, escreve: "Ele foi conduzido nu à morte — epi to pathos egeto gymnos", e "eistekeigymnos eis meso ton ochlon ekeinos — ficou nu no meio daquela multidão". Encontrei também um texto de Efrem, o Sírio, (Sermão VI sobre a Semana Santa) em que ele diz que o Sol se escondeu diante da nudez de Jesus. Em outra passagem escreve ele: "A luz dos astros se obscureceu porque fora completamente despido Aquele que veste todas as coisas". Eis aqui, finalmente, uma afirmação ainda mais conclusiva de João Crisóstomo. Ele diz que Jesus, antes de subir à cruz, despojou-se do velho homem tão facilmente como de suas vestimentas, e acrescenta: "Agora está ungido como os atletas que vão entrar no estádio" (Homilia sobre a Epístola aos Colossenses). Ora, toda escultura grega nos mostra esses atletas completamente nus.

FIXAÇÃO À CRUZ

Após pesquisar sobre três possíveis maneiras pelas quais Jesus poderia ter sido fixado à cruz, chegamos à conclusão de que Jesus foi pregado ao patíbulo estando este deitado no solo. Depois Ele foi erguido juntamente com este e encostado ao "stipes", e todo o conjunto foi erguido para que o patíbulo fosse enganchado no alto do "stipes". Pode-se ainda admiti-lo subindo de costas em uma escadinha encostada ao "stipes" para facilitar a ascensão.

É a solução mais simples, a mais fácil para os carrascos, e isto como já dissemos, constitui argumento de 1ª grandeza. Este modo está também de acordo com os textos de antigos escritores como Atanásio, João Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho, que usam expressões como "Ter subido à cruz", e "Permitiu que O elevassem à cruz". É, por fim, a única solução que concorda com tudo o que aprendemos através da arqueologia sobre a crucificação segundo os costumes romanos.

O GOLPE COM A LANÇA

Sempre me perguntei qual teria sido a razão desta atitude esquisita, anormal em um soldado que acabara de assistir a morte de Jesus. A mentalidade daqueles guardas se modificara bastante durante as três horas de agonia, no sentido da piedade e do respeito para com aquele crucificado. O centurião, fazendo-se de intérprete de seus homens (Mateus atribui a frase ao conjunto dos soldados, Mt 27.54) acabara de proclamar solenemente: "Verdadeiramente este homem era justo" (Lc 23.47) ou, segundo a frase hebraica registrada por Mateus e Marcos: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus" (Mc 15.39), que significa mais ou menos a mesma coisa.

Ora, tinham acabado precisamente de verificar que Jesus estava visivelmente morto, e por isso pouparam-lhe o "crurifragium" (o ato de quebrar as pernas do crucificado) que rapidamente vai levar os dois ladrões à morte, precipitando-os na tetania e asfixia, como veremos mais tarde. Mas é justamente sobre um cadáver já averiguado como tal, que um dos soldados vai desferir uma lançada no coração?

Ao considerarmos bem os textos legais da época, esse ferimento do coração era um ato regulamentar que o soldado devia realizar antes de entregar o corpo à sepultura. Segundo o evangelista João, foi depois do golpe de lança que José de Arimateia dirigiu-se à fortaleza Antônia para pedir a Pilatos o corpo de Jesus. Desde o momento em que tinham chegado ao Calvário, todo o pelotão de soldados observava muito bem aquele grupo de certa importância que cercava Maria e João, sendo estes visivelmente os membros da família. Se todas estas pessoas se mantiveram inicialmente observando de longe (Mc 15.40,41), por fora do círculo das sentinelas, devem ter se aproximado após a partida dos judeus irados e insultantes. A prova de que eles se aproximaram está nas palavras que Jesus pôde pronunciar audivelmente à sua mãe e ao discípulo amado.

Talvez os próprios soldados tenham ouvido da parte de algum amigo ou parente de Jesus a intenção de pedir o corpo. Em todo o caso, era evidente que o corpo não lhes seria negado. Mas os romanos não

entregavam a ninguém crucificados ainda vivos ou moribundos. Mesma tendo sido verificada a morte de Jesus, o golpe de lança foi um gesto natural e favorável para facilitar a entrega do corpo de acordo com o regulamento romano. Confesso, com franqueza, que esta ideia me conforta e me faz compreender melhor esse gesto brutal do soldado.

A CONDENAÇÃO

APÓS A MORTE DE JESUS, e a lançada que lhe atingiu o coração, "José de Arimateia… foi ousadamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos se maravilhou que ele já estivesse morto, e, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. Informado pelo centurião, deu o corpo a José" (Mc 15.42-45).

Jesus só tivera cerca de três horas de agonia, o que é realmente muito pouco para um crucificado. Os ladrões sobreviveram a Ele e só vieram a morrer depois, e isto por que, ao lhes quebrarem as pernas, aceleraram-lhes a asfixia. José de Arimateia tinha pedido a liberação do corpo de Jesus a Pilatos para poder sepultá-lo antes do anoitecer. A lei judaica mandava que os crucificados fossem retirados da cruz e sepultados no mesmo dia. Além do mais era véspera do Sábado e da grande festa da Páscoa.

CRUCIFICADOS QUE SOBREVIVERAM

Os crucificados passavam, em geral, por uma agonia bem mais longa, pelo menos, em determinadas circunstâncias. Não era raro, segundo Orígenes, vê-los sobreviver durante toda a noite e o dia seguinte. Um texto árabe afirma que, em 1247, em Damasco, um crucificado durou até o 3° dia da crucificação. Outras sobrevivências mais longas ainda são citadas, mas com menor garantia de veracidade.

Chegou mesmo a acontecer de terem sido retirados da cruz crucificados que sobreviveram. Cita-se o caso de um magistrado do rei Dario, (conforme Heródoto), e o de um tal de Chereas. Mas o caso contado por Flávio Josefo é o mais interessante. Durante o cerco de Jerusalém, no ano 70, três amigos de Flávio Josefo caíram prisioneiros dos romanos durante sua ausência, e foram crucificados.

Quando Flávio Josefo voltou à tarde ao campo romano, recorreu imediatamente ao imperador Tito, de quem obteve graça para seus amigos, que foram despregados de suas cruzes. Dois deles não puderam ser restituídos à vida pelos médicos, mas o terceiro conseguiu sobreviver. Ora, os dois primeiros tinham sido pregados, ao passo que o sobrevivente tinha sido apenas amarrado. Vê-se, portanto, que uma variação da modalidade da crucificação podia acarretar a morte com maior ou menor rapidez. Os amarrados, dizia Flávio Josefo, agonizavam mais lentamente, e podiam ser reanimados com mais facilidade.

Todos os outros autores que falaram deste suplício são unânimes em apontar a cruz como o mais terrível e o mais cruel de todos os suplícios: "crudelíssimo e terrível suplício", escreveu Cícero. Nenhum deles, no entanto, apresenta razões. Quando muito, acrescentam que os tormentos se prolongavam por longo tempo. Por que então Jesus sucumbiu tão mais depressa que a média dos condenados? É o que vamos agora verificar.

O QUE TERIA LEVADO JESUS À MORTE RÁPIDA

Evidentemente, toda uma série de circunstâncias das quais algumas foram citadas como causa da morte, vieram se acumular para diminuir sua resistência física. E nós bem o sabemos pela experiência fisiológica que choques dolorosos em série não se somam, mas em certa medida se multiplicam.

Já na véspera Jesus sofrera, no jardim das Oliveiras, uma agonia moral espantosa, produzida pela previsão de sua Paixão física, e pela consciência de que Ele receberia sobre si, quando estivesse no Calvário, todos os pecados dos homens para redimi-los. Ele próprio havia dito aos seus discípulos: "Minha alma está triste até à morte" (Mc 14.34), expressão semita para designar uma "tristeza mortal".

Esta grave perturbação acarretou um fenômeno conhecido em medicina como *hematidrose*, do qual S. Lucas, como médico, dá uma descrição perfeitamente clínica e surpreendente em sua brevidade. O fenômeno, aliás raro, é provocado por um grande abalo moral, seguido de profunda emoção e de grande medo. Lucas descreve a luta da natureza humana de Jesus diante do cálice de sofrimento que se apresentava a Ele, e sua aceitação desse cálice: "…contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22. 42). Marcos acrescenta que Jesus "começou a sentir temor e angústia" (Mc 14.33).

Lucas continua: "E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lc 22.44). O texto grego, porém, diz com mais exatidão: "Egéneto ho hidrós autou hosei thrombos haímatos katabaínontes epi ten gen". Ora, thrombos quer dizer "coágulo". Notemos que estes coágulos de sangue sempre têm atrapalhado bastante os tradutores. Coágulos, dizem eles com toda a razão, não podem sair do corpo. E assim passam a torturar as palavras por não terem compreendido o fenômeno fisiológico. Em alguns manuscritos antigos esta passagem foi suprimida por alguns copistas que a julgaram indigna da divindade de Jesus Cristo.

Ora, esse fenômeno que em linguagem técnica chamamos hematidrose, consiste em intensa vasodilatação dos capilares subcutâneos. Distendidos ao extremo, rompem-se em contato com milhões de glândulas sudoríparas espalhadas por toda a pele. Essa mesma vasodilatação provoca intensa secreção das glândulas sudoríparas. O sangue se mistura com o suor, e esta mescla poreja por toda a superfície do corpo. Porém, uma vez em contato com o ar, o sangue se coagula. Os coágulos assim formados sobre a pele caem por terra levados pelo abundante suor. Foi por isso que Lucas, como bom médico e bom observador que era, escreveu: "E seu suor tornou-se como coágulos (não gotas) de sangue que caíam até o solo" (Lc 22.44).

Deste fenômeno podemos tirar imediatamente duas consequências. A primeira é ter havido considerável diminuição da resistência vital de Jesus após esta hemorragia, que é um caso grave, devido à extensão da superfície em que ela se produz. Em segundo lugar, devemos atentar para o estado anormal em que ficou sua pele após Ele ter sangrado na intimidade de suas glândulas sudoríparas, em toda a superfície do corpo. Ficou mais sensível, dolorida e, portanto, menos apta a suportar as violências e os golpes que iriam atingi-la na noite e no dia seguinte, antes da crucificação.

Esta sensibilização da pele, que é um fenômeno puramente fisiológico, nos faz refletir sobre outro fato.

Na mesma série de causas do enfraquecimento de Jesus, devemos enumerar todos os sofrimentos suportados durante a noite, sobretudo entre os dois interrogatórios, durante os quais Jesus foi espancado e escarnecido pela turba infame de criados do Templo, "aqueles cães sanguinários", como os chama João Crisóstomo. Devemos acrescentar também os golpes que Ele recebeu no Pretório, após a flagelação e a coroação de espinhos. Foram tapas, socos e pauladas.

João e Mateus (Jo 19.1-3; Mt 27.27-30) narram que após a coroação de espinhos, os soldados dobravam o joelho diante de Jesus e diziam: "Salve, Rei dos judeus!", e João acrescenta: "e o esbofeteavam" (Jo 19.3). Mateus é mais explícito: "tomaram o caniço e batiam-lhe com ele na cabeça" (Mt 27.30).

Todas estas pancadas, desferidas principalmente sobre a cabeça, podem ter produzido também um abalo, talvez grave, aquilo que chamamos de comoção contusão cerebral, que se caracteriza pela ruptura mais ou menos extensa de pequenos vasos nas meninges e no cérebro.

Foi sobretudo o selvagem açoitamento e a coroação de espinhos suportada no pretório de Pilatos que devem ter provocado a perda de sangue mais grave. Os açoites, em cujas pontas havia esferas de chumbo ou ossos, cobriram o corpo de Jesus de chagas que sangraram por muito tempo. Deixemos por hora de lado as chagas do transporte da cruz, porque as estudaremos, mais tarde, detalhadamente. Todas estas hemorragias causaram no nosso Salvador um enfraquecimento tal que foi necessário fazer Simão Cirineu carregar a cruz para que Jesus pudesse chegar ao Calvário.

Devemos levar em conta também a fome. Jesus não ingeriu alimento algum desde a ceia de quinta-feira até à sua morte. Ele também sentiu sede, uma sede violenta, como sentem todos os crucificados. Esta sede foi motivada primeiro pela perda de sangue, e depois pelos suores abundantes que acompanham a suspensão pelas mãos e as cãibras assim provocadas. Houve também a insolação. Jesus ficou exposto à luz e ao calor do sol desde a hora terceira (nove horas da manhã), quando foi crucificado (Mc 15.25) até à hora sexta (meio-dia), quando houve trevas (Mt 27.45).

MORTE POR AFIXIA

Tudo o que acabamos de examinar constitui, portanto, causas de enfraquecimento e de dor, que muito deve ter contribuído para acelerar a agonia e levar Jesus à morte. Mas ainda não encontramos uma causa determinante de sua morte, uma que, independentemente das circunstâncias variáveis, matasse sempre, cedo ou tarde, os crucificados. Esta causa pode ter sido a asfixia. Os crucificados morriam todos asfixiados.

Manter durante longo tempo os braços levantados acarreta relativa imobilidade das costelas e grande incômodo de respiração. O crucificado tem a sensação de sufocamento progressivo. (Cada um poderá verificar por si mesmo como esta posição prolongada, mesmo sem tração alguma sobre as mãos, acarreta uma falta de ar das mais desagradáveis). Nessa posição o coração é obrigado a trabalhar mais, suas pulsações aceleram e enfraquecem. Segue-se uma certa congestão nos vasos de todo o corpo. E como o pulmão passa a oxigenar insuficientemente, a sobrecarga de ácido carbônico provoca excitação das fibras musculares e, como consequência, uma espécie de estado tetânico de todo o corpo.

Foi o doutor R. W. Hynek, de Praga, que confirmou esse quadro estudando uma grave punição que o exército austro-alemão usou na guerra de 1914-18. Este castigo, que os nazistas tiveram cuidado de não esquecer, consistia em suspender, pelas mãos, o condenado a uma coluna. Seus pés apenas tocam o solo com as pontas dos dedos. Todo o peso do corpo – e isto é importante – fica apoiado nas duas mãos fixadas no alto. Vê-se, em pouco tempo, surgir contrações violentas em todos os músculos, que terminam em um estado permanente de contratura, de rigidez em contração destes músculos. É o que se chama, vulgarmente, de cãibra. Todos sabem o quanto elas são dolorosas, e que não se pode aliviá-las a não ser puxando o membro no sentido oposto ao dos músculos contraídos.

Essas cãibras começam nos antebraços, passam para os braços e estendem-se aos membros inferiores e ao tronco. Muito rapidamente os grandes músculos que produzem a inspiração, os grandes peitorais, o

esternocleidomastoideos e o diafragma são também tomados por elas. Daí resulta que os pulmões se enchem de ar, mas não conseguem fazê-lo sair. Os músculos expiradores, que também ficam contraídos, são mais fracos que os inspiradores (a expiração se faz normalmente e sem esforço muscular, pela elasticidade dos pulmões e da caixa torácica).

Estando os pulmões assim em inspiração forçada e não podendo se esvaziar, a oxigenação normal do sangue que neles circula não pode mais ocorrer, e a asfixia se apodera do paciente da mesma forma como se ele estivesse sendo estrangulado. Ele fica no mesmo estado de um enfisematoso em plena crise de asma. Temos aí o mesmo quadro provocado por uma enfermidade infecciosa, como o tétano, que é provocado pela intoxicação dos centros nervosos. É justamente por isto que esta síndrome de contração generalizada, qualquer que seja a causa determinante, é chamada de "tetania".

A falta de oxigenação do sangue acarreta, nos músculos onde ele continua a circular, uma asfixia local devido à crescente acumulação de ácido carbônico, e por uma espécie de círculo vicioso, aumenta progressivamente a tetanização destes mesmos músculos.

Vê-se então o paciente, com o peito distendido, apresentar todos os sistomas de asfixia. O rosto fica vermelho e se torna violáceo, e o suor corre abundantemente sobre a face e no restante do corpo. Se não quiser que a pessoa morra, é necessário soltá-la. Uma simples punição não podia, segundo observação de Hynek, durar mais do que dez minutos. Mais tarde, nos campos de concentração hitlerianos, esse castigo era prolongado até o assassinato.

A EXPERIÊNCIA COM PRISIONEIROS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Podemos ainda citar o testemunho de dois antigos prisioneiros do campo de concentração nazista em Dachau, que testemunharam várias vezes a aplicação desse suplício e dele conservaram terrível lembrança.

Contam eles que o condenado era suspenso pelas duas mãos, uma ao lado da outra ou separadas. Os pés ficavam a certa distância do solo. Em pouco tempo, o incômodo respiratório tornava-se insuportável. A vítima procurava remediá-lo erguendo-se com os braços para poder retomar o fôlego. Porém, só conseguia manter-se no ar entre 30 e 60 segundos.

Prendiam-lhe então pesos aos seus pés para dificultar os soerguimentos. A asfixia tomava conta do condenado rapidamente, em três ou quatro minutos. No último momento, tiravam-lhe os pesos, permitindo de novo os soerguimentos para que, retomando o fôlego, conseguisse reviver.

A testemunha, que não era médico, não pôde averiguar se estes soerguimentos eram contrações voluntárias ou tetânicas. Em todo o caso, sempre aliviavam a respiração.

Após uma hora de suspensão, essas contrações se tornavam cada vez mais frequentes, mas também mais fracas, e a asfixia se estabelecia progressiva e definitivamente. A testemunha descreve a caixa torácica da vítima intumescida ao máximo, a cavidade epigástrica muito profunda. As pernas rijas pendiam sem se agitar. A pele ficava violeta. Abundante suor aparecia em todo o corpo, escorrendo até o chão e manchando o cimento. Os cabelos e a barba ficavam literalmente ensopados, mesmo em temperaturas próximas ao zero. Quando esses agonizantes morriam, deviam estar com a temperatura bem elevada. Depois da morte o corpo ficava em extrema rigidez. A cabeça pendia para frente.

A morte sobrevinha, em média, ao fim de três horas; ou, um pouco mais tarde, quando as mãos ficavam separadas.

Esses relatos confirmam que a suspensão pelas mãos resulta em asfixia com contrações generalizadas. Todos os crucificados, portanto, morriam de asfixia, após longo período de agonia.

Como então o crucificado podia escapar momentaneamente a estas cãibras e à asfixia para sobreviver algumas horas, alguns deles até durante dois ou três dias? Isto só podia ser obtido aliviando-se a tração exercida sobre as mãos, que parece ser a causa inicial e determinante de todo o fenômeno de asfixia.

Depois da crucificação, o corpo se abaixava e descia consideravelmente, ao mesmo tempo em que os joelhos se dobravam mais e mais. O crucificado podia então tomar ponto de apoio nos pés fixados à haste vertical da cruz, soerguer todo o corpo e reconduzir para a horizontal os braços que, em virtude do abaixamento, formavam um ângulo de 65º com a horizontal. Tornando-se desta forma muito reduzida a tração sobre as mãos, as cãibras diminuíam momentaneamente, e a asfixia desaparecia pela restituição dos movimentos respiratórios. Depois, sobrevindo a fadiga dos membros inferiores, o crucificado era obrigado a ceder e a asfixia voltava de novo.

Toda a agonia se passava na alternativa de abaixamentos e soerguimentos, de asfixia e de respiração. Conclui-se logo que um indivíduo esgotado como Jesus estava não conseguiria prolongar esta luta por muito tempo. Por outro lado, quando Ele julgasse, em sua suprema sabedoria, que chegara o momento de morrer, que "tudo estava consumado", podê-lo-ia fazer com a máxima facilidade, interrompendo a luta.

Já comentamos que aqueles que eram amarrados na cruz sobreviviam durante mais tempo do que os cravados, segundo o testemunho de Flávio Josefo. É possível que uma corda enrolada fixamente aos pés do condenado constituísse um sólido ponto de apoio e não escorregasse sobre a haste vertical. O apoio sobre cordas era, sem dúvida, menos doloroso que o mesmo esforço sobre as arestas de um cravo quadrado, de 8 mm de lado, cravado entre os dois metatarsos. O condenado podia então ficar mais tempo soerguido, sem que o excesso de dor nos pés o forçasse de novo à posição de abatimento. Também aqui Jesus estava nas condições as mais terríveis.

Finalmente, quando queriam prolongar o suplício do crucificado, empregavam o "sedile" (não falo do supedâneo, aquele que supostamente

ficava aos pés do crucificado, mas que é desconhecido por todos os autores antigos e que não passa de pura invenção dos artistas). Esse pedaço de pau ou ferro, sobre o qual o crucificado ficava montado, devia tornar-se rapidamente causa de dores atrozes no períneo e nas coxas. No entanto, a força da tração exercida sobre as mãos ficava muito diminuída, não restando quase que senão o incômodo respiratório com a dor que lhe é peculiar, semelhante ao mesmo incômodo produzido pelos braços estendidos no ar, sem tração.

Apesar disto, o corpo, ainda que assim sustentado, não podia ficar indefinidamente na mesma posição. Devia se inclinar para frente e se abater. A pressão sobre as mãos aumentava e, com ela, sobrevinham as cãibras e a asfixia. Apesar de tudo isto, o "sedile" devia, indubitavelmente, permitir considerável prolongamento do suplício.

Em sentido contrário, os carrascos dispunham de meio seguro para provocar a morte quase instantânea nos crucificados: quebrar-lhes as pernas. Este processo, aliás muito usado em Roma, era bem conhecido. Orígenes diz que isto se fazia "segundo os costumes romanos". Era o crurifragium. A palavra talvez tenha sido criada pelo dramaturgo Plauto, que faz o escravo Sinerasto dizer: "Logo me farão mudar o nome de Sinerasto para Pernas-Quebradas". Foi este crurifragium que os judeus, preocupados em retirar os corpos do alto da cruz antes do pôr-do-sol, "pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados" (João 19.31).

O que hoje sabemos sobre a tetania e a asfixia dos crucificados lança uma luz verdadeiramente esclarecedora sobre este processo de acelerar a morte dos crucificados. Os supliciados não podiam resistir à asfixia a não ser erguendo-se sobre os pés. Ora, se lhes fossem quebradas as pernas, ficariam absolutamente impossibilitados de se erguerem. Então a asfixia se apossaria deles completa e definitivamente, e a morte sobreviria em espaço muito curto, como já vimos, mesmo para os que tinham o "sedile". A fratura das pernas devia dificultar notavelmente o soerguimento do corpo.

Eis, pois, a meu ver, claramente elucidadas, sob o ponto de vista humano, científico (pobre ciência que não passa de uma ignorância disfarçada!), as causas da morte de Jesus: 1) Causas pré-disponentes, que são múltiplas e o levaram fisicamente diminuído e esgotado ao mais terrível suplício que a crueldade dos homens já conseguiu inventar. 2)

Uma causa determinante, final, imediata — a asfixia, que causava infalivelmente a morte.

Quando relemos a história evangélica com um olho clínico, ficamos mais e mais impressionados pela maneira como Ele domina todos estes acontecimentos. Ele aceitou plena a voluntariamente todas as consequências da natureza humana assumida por seu consentimento à vontade do Pai, inclusive todas as mutilações e traumatismos que os suplícios a que foi submetido podiam produzir em sua frágil e limitada carne.

Mas podemos também ver claramente nesta leitura a vontade e a suprema dignidade com que Ele enfrentou todo o sofrimento necessário para nos resgatar de nossos pecados.

Neste corpo humano sofredor e agonizante residia a divindade. E foi ela que o arrebatou das garras geladas da morte ao terceiro dia.

VAMOS COMEÇAR AGORA A ESTUDAR os ferimentos que Jesus sofreu durante sua Paixão. Estudaremos, primeiramente, tudo o que Ele suportou

como sofrimento preliminar à crucificação.

ESPANCAMENTO DURANTE NOITE E NO PRETÓRIO

Durante a noite em que ficou nas mãos dos funcionários de Anás e Caifás, Jesus recebeu pancadas por todo o corpo, que produziram em suas costas, braços e pernas esfoladuras sangrentas e hematomas. Chagas contusas também foram produzidas no seu rosto e na sua cabeça por socos e pauladas.

Já conhecemos o instrumento de suplício, o "flagrum" romano, em cujas correias, a alguma distância da ponta, havia esferas de chumbo ossinhos de carneiro. Antes de ser açoitado, Jesus foi amarrado com o rosto contra a coluna, com as mãos erguidas, e apanhou muito na região das costas e das pernas. Muitas chicotadas devem ter contornado o seu dorso e atingido também o seu peito.

COROADO DE ESPINHOS

Ao longo dos séculos, os artistas têm envolvido a cabeça de Jesus com uma coroa circular de espinhos entrelaçados. Pintores e escultores interpretaram a seu modo os textos evangélicos sem a menor preocupação arqueológica. Nem poderíamos exigir deles outra coisa.

Lucas não fala da coroação. Marcos escreve: "Vestiram-no de vermelho e lhe colocaram uma coroa tecida de espinhos" (15.17). Mas não nos revela a forma que tinha essa coroa. Mateus e João são mais explícitos: "E, tecendo uma coroa de espinhos, a puseram sobre a sua cabeça" (27.29).

Alguns autores antigos informam que a coroa de espinhos que colocaram sobre a cabeça de Jesus era uma espécie de "pileus" (= carapuça, gorro), que lhe cobria e tocava a cabeça por todos os lados. O "pileus" era, entre os romanos, uma espécie de gorro semi oval de feltro, que envolvia a cabeça e servia principalmente para o trabalho. Uma coroa com esse formato feriria toda a cabeça de Jesus.

Isto vem confirmar o que claramente informam Mateus e João: a coroa era uma espécie de gorro formado de ramos espinhosos entrelaçados, e não em forma de um anel. Admiti-se, geralmente, que os espinhos pertenciam a um arbusto espinhento comum na Judeia, o "Zizyphus Spina Christi". É provável que houvesse um monte desses garranchos espinhentos no pretório, colocados ali para alimentar as fogueiras que os soldados acendiam à noite para poderem enfrentar o frio. Os espinhos são longos e muito agudos. O couro cabeludo é uma região do nosso corpo que sangra muito e com facilidade. Como essa espécie de chapéu foi enterrado na cabeça de Jesus a pauladas, os ferimentos devem ter feito correr bastante sangue. Uma tal coroa deve ter ferido bastante o crânio em toda sua superfície e a testa.

Durante todo o período em que Jesus esteve na cruz, todas as vezes que Ele tentou soerguer a cabeça para diminuir a sensação de sufocamente, deve ter esbarrado a coroa no patíbulo e fincado sempre um pouco mais os espinhos no couro cabeludo.

TRANSPORTANDO A CRUZ

A mais antiga tradição afirma que Jesus caiu três vezes antes de chegar ao Calvário. Foi isto que teria levado os soldados a requisitar Simão Cireneu para carregar o patíbulo em lugar dele. Num caminho acidentado e semeado de pedras, as quedas eram acompanhadas de esfoladuras, sobretudo na altura dos joelhos.

No momento das quedas, as feridas produzidas pelo açoitamento nas costas eram dolorosamente friccionadas pela madeira áspera do patíbulo e tornavam a sangrar.

O patíbulo deveria ser posto em equilíbrio sobre o ombro direito (ou esquerdo para os canhotos). Não devia ser carregado exatamente pelo meio. Quem já carregou um tronco de árvore ou algo parecido, sabe que a parte de trás deve ficar um pouco mais comprida que a da frente, o que dá ao objeto transportado uma posição um tanto oblíqua, inclinada para trás. Isto porque a mão direita se apóia em cima da metade anterior para impedir que o tronco se erga. Se o tronco estiver exatamente horizontal, a menor pressão será suficiente para desequilibrá-lo, e ele cairá para frente, sem que nada possa detê-lo.

Todos estes detalhes têm sua importância, especialmente nos casos de queda para frente. O homem que transporta um patíbulo, um tronco de árvore ou um objeto similar e tropeça em uma pedra por não ter levantado bastante o pé, cai geralmente sobre os joelhos. Se não for canhoto, cai primeiramente sobre o joelho direito, e esfola as calças e a pele que está por baixo. Em seguida se estende e larga o objeto para amortecer a queda com as mãos.

Ora, o patíbulo que Jesus carregava já estava obliquamente inclinado para trás e para a esquerda. Quando ele tropeçou, o patíbulo deve ter se inclinado mais ainda para trás, escorregando obliquamente sobre as costas de Jesus. Depois de ter esfolado a região escapular direita, deve ter feito outro tanto de estrago para a esquerda, escorregando e escoriando um pouco mais para baixo, perto da ponta da omoplata esquerda, arranhando, de passagem, a espinha dorsal, prosseguindo com suas esfoladuras até a

parte posterior da crista ilíaca esquerda. O patíbulo deve ter produzido escoriações cutâneas em todas as saliências ósseas da espádua direita à região sacro-ilíaca esquerda.

Estas esfoladuras não são contusões produzidas por choques. São escoriações causadas pela violenta fricção da superfície áspera e pesada do patíbulo, a parte horizontal da cruz, sobre as partes salientes das costas de Jesus. O que esfola é essa rude fricção do patíbulo que escorrega sobre as costas até cair no chão.

Toda esta descrição não justifica por acaso a profecia de Isaías? (1.6): "Da planta dos pés até à cabeça não há nele coisa sã, somente feridas e contusões, feridas frescas que não foram espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo".

Agora estudaremos detalhadamente as feridas das mãos, as feridas dos pés e a ferida do coração de Jesus.

AO LONGO DOS SÉCULOS, muitas pessoas têm representado Jesus com os cravos traspassando as palmas de suas mãos. Porém, no tempo de Jesus, os

cravos utilizados para pregar as mãos dos crucificados atravessavam a dobra de flexão do punho, e não as palmas das mãos. E isto eu confirmei, como cirurgião, crucificando cadáveres. E os dois pés eram pregados diretamente sobre a haste vertical da cruz, o direito por trás do esquerdo.

Os artistas que têm representado Jesus com as palmas das mãos atravessadas pelos cravos, têm interpretado literalmente as palavras de Davi (Sl 22.16): "Pregaram-me as mãos", e as de Jesus a Tomé: "Põe aqui teu dedo e vê minhas mãos" (Jo 20.27). Os artistas que não se preocuparam em pesquisar com mais atenção, interpretaram o termo mãos como sendo as palmas. Porém, muitos pesquisadores e estudiosos reconheceram experimentalmente a impossibilidade da crucificação nas palmas das mãos. Jesus estava fixado sobre a cruz mais solidamente.

Em todo o caso, os textos sagrados, aos quais devemos toda a nossa submissão, não são tão explícitos. Não falam de palmas, mas de mãos. Aos anatomistas compete dizer o que é a mão. Os de todos os tempos e de todos os países se entendem muito bem sobre a questão: a mão se compõe do carpo, metacarpo e dedos. O punho é uma região mal delimitada, intermediário entre a mão e o antebraço. Foi nessa região que os cravos foram cravados.

Vimos no capítulo 3 (sobre a causa determinante da morte de Jesus) que a suspensão pelas mãos provoca nos crucificados um conjunto de cãibras e de contrações que vão se generalizando até o que chamamos de "tetania". Atinge ela, por fim, os músculos da respiração. Os supliciados, não mais podendo esvaziar os pulmões, morrem por asfixia.

Os crucificados podem, no entanto, escapar momentaneamente dessa tetania e da consequente asfixia soerguendo o corpo mediante apoio nos pés. Neste momento, os joelhos e os quadris se alongam, o ângulo dos antebraços com a vertical aumenta ligeiramente. O corpo passa então alternativamente durante a agonia por uma posição de abatimento e asfixia, e por outra de soerguimento e alívio. Em cada posição o fluxo de sangue vertical, que se coagula lentamente sobre a pele, faz com o eixo do antebraço um ângulo um pouco diverso.

Onde foi pregado o cravo? Em pleno carpo. Fiz a experiência no antebraço do cadáver de um homem adulto, fendendo completamente o espaço rádio cubital: o ponto inferior em que o cravo se deteve, entre os dois ossos, foi a 5cm acima do ponto de flexão do punho. De resto, a isto não mais se poderá dar o nome de mão e sim de antebraço.

Para me dar conta experimentalmente do caminho que percorreu o cravo, fiz a crucificação da mão, depois radiografei-a e dissequei as peças.

O cravo não foi fincado diretamente na palma das mãos, pois desta forma os cravos teriam de sustentar o peso do corpo. Forçadas por esse peso, as mãos se dilaceraram. Portanto, os cravos não puderam ter sido fincados nas palmas das mãos sem que as dilacerassem rapidamente. Alguém pode argumentar que o peso do crucificado não era exercido totalmente sobre as mãos. Porém, não devemos considerar exageradamente a fixação dos pés como um fator que poderia aliviar sensivelmente esta tração, pois estando os joelhos dobrados, o cravo dos pés não suporta senão uma parte ínfima do peso. Serve apenas para impedir que os pés se afastem da cruz. Pude claramente verificar isto ao crucificar cadáveres.

Argumentarão ainda que os braços poderiam estar ligados, através de cordas, à barra transversal da cruz. O períneo poderia estar apoiado sobre o suporte (sedile) passado entre as coxas. Nestas condições, a fixação das mãos não teria tido necessidade de ser tão sólida

Porém, já vimos no capitulo 2 que os cravos eram o processo de fixação à cruz mais frequente, mesmo para os escravos. Raramente se usavam cordas.

Quanto ao “sedile”, uma madeira desconfortável que passava por entre as pernas do crucificado, permitindo-lhe aliviar a tensão, cuja existência é suposta por alguns textos e afirmada por Justino, o mártir, seu nome só é lido uma vez, em Tertuliano. Já o estudamos no capítulo 2, e concluímos que estava bem longe de seu uso ser constante. Só era acrescentado aos estipes quando se queria prolongar deliberadamente ao máximo o suplício, por produzir eficazmente este efeito. Graças a ele, os crucificados podiam resistir por mais tempo à tetania asfixiante, uma vez que a tração do corpo não mais se exercia inteiramente sobre as duas mãos.

Podemos desde logo supor, devido a agonia relativamente muito curta de Jesus, que em sua cruz não havia esse suporte. A associação de cordas aos cravos, se bem que não absolutamente estranha à história da crucificação, teria também prolongado a agonia. Coisa que não aconteceu.

Porém, outro será o motivo que nos forçará a não admitir o emprego destes dois processos, e a afirmar convictamente que a crucificação feita exclusivamente através de cravos. Este motivo é o abatimento do corpo sobre a cruz.

Podemos agora reconstituir muito exatamente a crucificação, tal como ela ocorreu. O patíbulo (i.e. a trave horizontal da cruz), após ser carregado pelo condenado até o local de suplício, era lançado à terra, para que em seguida o réu fosse estendido sobre ele. Os braços esticados pelos carrascos ficavam naturalmente paralelos ao patíbulo, fazendo um angulo de 90° com o corpo. Os carrascos tomavam as medidas e, com qualquer instrumento perfurador, esboçavam os buracos na trave.

As mãos, bem sabiam eles, seriam fáceis de perfurar, mas na madeira os cravos entravam com menos facilidade. Eles cravavam primeiramente uma das mãos, e em seguida puxavam a outra e a cravavam também. O corpo do crucificado reproduzia o T da cruz. Os braços e o patíbulo formavam um ângulo de 90° em relação ao corpo.

Colocavam então o crucificado de pé, erguendo as duas extremidades do patíbulo, que içavam até engancharem-no no alto da haste vertical da cruz, o que vinha a constituir a cruz em Tau. Neste momento o corpo se abatia, alongando os braços que passavam de 90° a 65°. Só faltava pregar os dois pés, um sobre o outro, com um único cravo, dobrando os joelhos que logo tomavam sua posição de abatimento.

Quando, para escapar à asfixia, o corpo se endireitava apoiando-se sobre o cravo dos pés, os braços voltavam à horizontal, mas não ultrapassavam os 70°.

O corpo de Jesus estava sustentado só pelos cravos da mão. O cravo dos pés, em posição de abatimento, não sustentava coisa alguma. Era, portanto, necessário encontrar uma região da mão na qual os cravos pudessem ser fixados solidamente e suportar todo o peso do corpo.

Um carrasco bom, conhecedor de seu ofício, devia saber que uma palma fixada por cravo se rompe.

Repeti, depois, uma dúzia de vezes a crucificação da mão, mudando o ponto de implantação em volta do meio da junta de flexão. Em todos os casos, o cravo se orientava por si mesmo, parecia escorregar pelas paredes de um funil e se meter, espontaneamente, pelo espaço pré-formado.

Existe, portanto, ali uma passagem anatômica pré-formada, normal, um caminho natural em que o prego passa facilmente, onde é fixado muito solidamente pelos ossos do carpo, estreitamente fixados por seus ligamentos distendidos e pelo ligamento anular anterior, sobre cujo bordo superior repousa.

A efusão de sangue é moderada, quase que unicamente venosa. O cravo não encontra nenhuma artéria importante como nas arcadas palmares, o que teria espalhado uma grande placa de sangue em toda a face dorsal da mão aplicada sobre a cruz, e teria podido provocar grave hemorragia.

Seria possível que carrascos treinados tivessem conhecido empiricamente este lugar apropriado para a crucificação das mãos, que reúne tantas vantagens e é tão fácil de encontrar, a região do pulso?

6
AS FERIDAS
NOS PÉS

JESUS FOI CRUCIFICADO COM UM PÉ SOBRE O OUTRO

A RIGIDEZ CADAVÉRICA FOI CERTAMENTE rápida e considerável, provavelmente instantânea, em consequência das fadigas da agonia de Jesus e suas contrações. Deve ter sido necessário um certo esforço para reconduzir os braços da posição horizontal para a vertical, com cruzamento dos punhos diante do baixo ventre. Mas para os pés não haveria necessidade de modificar sua posição, pois que entravam naturalmente no túmulo em sua posição de crucificação, cruzados e em hiperextensão.

Era frequente o crucificado inclinar a cabeça para a direita quando morria. Com relação a Jesus quiseram dar a esta atitude significações simbólicas. Crucificado a noroeste de Jerusalém e olhando para o sul, Jesus teria inclinado a cabeça para o Ocidente, onde se deveria desenvolver a sua Igreja entre os gentios, desviando-a do Oriente e dos judeus que a haviam rejeitado. Discutir o fundamento destes pretendidos símbolos seria desviarmos o propósito da nossa pesquisa para outro terreno, e não o faremos.

Mas, esteticamente, é certo que esta inclinação da cabeça para a direita acarreta uma curva em toda a silhueta do corpo, que para equilibrar as massas harmoniosamente, deve terminar por uma flexão da coxa direita que faz adiantar o joelho direito e coloca, como consequência, o pé direito sobre o esquerdo.

Para cravar os dois tarsos um diante do outro, teria sido necessário um cravo de mais de 12cm. Por outro lado os ossos e as articulações do tarso opõem à penetração — sobretudo com os dois pés cruzados — uma resistência muito grande.

Observando o eixo do espaço que separa o 2° do 3° dedo, sabemos que pela largura maior do 1° metatarsiano, este eixo separa mais ou menos a largura do pé em duas partes iguais. Podemos pois concluir, com bastante precisão, que o cravo que fixou os pés de Jesus na cruz passou na parte posterior do segundo espaço intermetatarsiano.

Fiz a experiência. A passagem é fácil, e o cravo não encontra senão partes moles, afastando o 2° e o 3° metatarso. No dorso, a artéria pediosa mergulhou na parte posterior do primeiro espaço. Na planta do pé, o cravo

pode evitar a arcada plantar profunda que cruza a base dos metatarsos. De qualquer modo a hemorragia não é mortal e o sangue, sangue venoso, devia escorrer sobretudo depois da retirada do cravo.

Experimente o leitor em si mesmo. Deitando-se de costas, cruze os pés, o esquerdo sobre o direito, e entenderá tudo o que aconteceu. Bastará para isso dobrar os joelhos. A flexão não tem necessidade de ser muito acentuada, uns trinta graus bastam. Os pés estendidos em equinismo, isto é, com as pontas alongadas, podem mesmo repousar de cheio sem que forma alguma seja necessário o artifício de um degrau oblíquo, o supedâneo imaginário. Sendo, pois, inútil este artifício que além disto complicava a crucificação, é mais provável que os carrascos o dispensassem.

O crucificado podia se apoiar sobre o cravo todas as vezes que quisesse se soerguer para aliviar a tração sobre as mãos e diminuir as cãibras. A espessura a atravessar não era considerável, e a maior parte do cravo penetrava na madeira. O cravo atravessava facilmente as partes moles sem resistência. Por fim, a hemorragia era de pouca importância e permitia a prolongação do suplício.

EU ESCREVI DE PROPÓSITO "ferida no coração" e não ferida do lado, porque toda a tradição o afirma e a experiência confirmou esse ferimento. O golpe

de lança dado no lado direito do corpo de Jesus atingiu a aurícula direita do seu coração, perfurando-lhe o pericárdio. “Mas quando chegaram a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados perfurou um dos lados com uma lança, e logo saiu sangue é água” (Jo 19.33,34). Já vimos no capítulo 2 qual foi a razão deste golpe de lança inexplicavelmente dado em um cadáver. O corpo do supliciado era legalmente devolvido à família, sob autorização dada pelo juiz. Mas o carrasco não o podia entregar a não ser após ter-se assegurado de sua morte (e quando necessário, após tê-la provocado) através de um golpe que abrisse o coração. Este gesto, que nos poderia parecer estranho, não foi outra coisa senão a execução de um regulamento militar.

O derramamento de água e sangue do coração de Jesus sempre comoveu profundamente exegetas e teólogos. Quanto à água, vamos ver em breve sem a menor sombra de dúvida do que é que se trata. Constatamos, para nosso espanto, ter-se perpetuado através dos séculos a estranha ideia de que o sangue sempre se encontra coagulado em um cadáver, e que, sem milagre, não poderia ter saído sangue líquido do ferimento de Jesus. No entanto, os sacrificadores e as pessoas que trabalham no abate dos animais sabem muito bem que pelo menos as veias maiores sempre deixam correr uma onda de sangue quando são abertas durante a tarefa de se limpar um animal.

Um outro fato é ainda mais milagroso, e é que se tenha podido ver sangue e água sair ao mesmo tempo, distintos um do outro, uma vez que deveriam ter-se misturado.

Em que região do lado do corpo de Jesus teria sido aplicado o golpe de lança? Uma tradição aponta o lado direito do peito, e isto certamente está baseado na opinião comum de que o coração está situado do lado esquerdo do tórax, o que é errado. O coração é órgão mediano e anterior, e está deitado sobre o diafragma e entre os dois pulmões, por trás da couraça esterno-costal, no mediastino anterior. Só sua ponta é que está nitidamente à esquerda, mas sua base ultrapassa à direita, o esterno.

Mas limitemo-nos ao texto evangélico. Um dos soldados feriu-lhe o lado com a lança, e logo saiu dali sangue e água. Pedi à anatomia e a experimentação a explicação deste texto, e agora vamos ouvi-las tal como me responderam.

Antônio Legrand teve a ideia engenhosa de pintar a chaga do lado utilizando o peito de um homem do porte de Cristo como modelo. A

pintura foi feita, está claro, na posição de sepultamento, mantendo o homem as mãos cruzadas sobre o hipogástrio. Em seguida, ele fez o homem tomar a posição de crucificação, com os braços a 65°. Ora, nesta posição, ele viu imediatamente salientarem-se as costelas médias e, em cada uma delas, a extremidade anterior de uma digitação do músculo chamado grande denteado.

A cada ondulação do bordo do coágulo correspondia uma destas saliências musculares, bem conhecidas dos artistas. Por que os outros artistas não pensaram nelas? Porque pintavam apenas fluxos de sangue; porque ignoravam a fisiologia da coagulação, porque não sabiam que o sangue devia se espalhar, se atrasar em sua descida e se aglomerar mais facilmente em um coágulo mais largo na altura de cada uma destas cavidades intramusculares.

Após o soldado golpear Jesus, houve evidentemente um importante derramamento de sangue, do qual grande parte deve ter caído no chão, e o resto se coagulou em contato com a pele. A lança que feriu Jesus deve ter escorregado sobre a 6ª costela, e perfurado o 5° espaço intercostal, penetrando com profundidade ali. Que encontrou em seguida? A pleura e o pulmão.

Se o soldado citado por João tivesse dado seu golpe em direção vizinha à vertical primeiro, quase não teria podido perfurar o espaço intercostal; e se o tivesse conseguido, a ponta de sua lança se teria perdido no pulmão, onde só teria feito sangrar algumas veias pulmonares. Teria sido possível correr sangue em muito pequena quantidade, mas não água. Se ali houvesse líquido pleural, estaria este forçosamente se acumulado no ponto inferior, por trás e sob o nível da chaga.

O lançaço foi, portanto, oblíquo e próximo da horizontal, o que é fácil de executar se a cruz, conforme defendo, não fosse muito alta. Se ultrapassasse os dois metros, o que julgo inverossímil, teria sido necessário alguém montado a cavalo para desferir esse golpe. Mas os soldados e os guardas, principalmente os enviados por Pilatos para o ato de quebrar as pernas, eram todos de infantaria, e o centurião era também um oficial não montado. Com a cruz baixa, de dois metros, um soldado não teria que fazer outra coisa senão levantar os braços na posição que chamamos em esgrima “cabeça em guarda e atacando” para desferir semelhante lançada.

Este golpe desferido no coração pela direita, sendo sempre mortal, era um dos golpes ensinados nos exércitos romanos. Tanto mais que o lado esquerdo estava normalmente protegido pelo escudo. Ao reler os "Comentários de César" descobri que a expressão "latus apertum" — lado descoberto (desprotegido) — era usualmente utilizada para designar o lado direito. Farabeuf nos ensina que os golpes desferidos nos espaços intercostais, no bordo direito do esterno, são implacáveis por abrirem a parede muito delgada da aurícula cardíaca direita. E isto continua, perfeitamente exato hoje, ainda que com rápida intervenção de um cirurgião. Esse golpe é sempre mortal.

Experiências com cadáveres mostraram que a ponta da lança se dirige normalmente através da parte anterior, delgada, do pulmão direito e atinge, segundo as radiografias, após um trajeto de 8cm, o bordo direito do coração envolvido pelo pericárdio.

Ora, aqui está o cerne da questão. A parte do coração que ultrapassa à direita o esterno é a aurícula direita. Esta aurícula, prolongada em cima pela veia cava superior e em baixo pela veia cava inferior, está no cadáver sempre cheia de sangue líquido.

Jesus, como lemos de início no texto evangélico, já estava morto por ocasião da lançada. Parece que João compreendeu admiravelmente a importância deste fato porque acrescenta, com insistência significativa, que nos faz lembrar as primeiras linhas de seu Evangelho: "Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e que a registrou. Sabemos que o seu testemunho é verdadeiro", (Jo 21.24).

Se o golpe tivesse sido desferido do lado esquerdo, teria atingido os ventrículos que no cadáver estão vazios. Não teria então corrido sangue, mas tão-somente água. A tradição indica que a chaga estava do lado direito.

EXPERIÊNCIAS COM CADÁVERES

Em uma série de corpos para a autópsia, executei várias experiências. Usei, primeiramente, uma agulha comprida adaptada em uma grande seringa. Localizei a altura do ferimento produzido no corpo de Jesus, enterrei rapidamente a agulha no 5° espaço intercostal direito sem cessar de aspirar, apontando sempre para dentro e para o alto e um pouco para trás. Entre os 9 e 10 cm, penetrei na aurícula direita e, como continuava a aspirar, enchi a seringa de sangue líquido. Enquanto atravessava o pulmão, a aspiração contínua não trouxe líquido algum, nem sangue, nem água.

Enterrei, em seguida, nas mesmas condições, uma grande faca de amputação. Na mesma profundidade, ela abriu a aurícula direita e sangue e água vindos do coração escorreram ao longo da lâmina, através do túnel perfurado no pulmão.

Todas estas experiências foram seguidas, evidentemente, de dissecação e feitas em cadáveres de mais de 24 horas de acordo com o regulamento das autópsias.

O sangue vem, portanto, naturalmente, do coração e, em tal quantidade, não poderia vir senão dali. Mas de onde vem a água?

Eu já notara nas minhas primeiras autópsias que o pericárdio continha sempre uma quantidade de líquido (hidropericárdio) suficiente para que fosse visto escorrer pela incisão da folha parietal. Em certos casos chegava a ser mesmo muito abundante.

Tornei a tomar minha seringa e empurrei a agulha muito lentamente, ao mesmo tempo que ia aspirando, sem interrupção. Assim, senti a resistência do pericárdio fibroso e, logo depois de tê-lo perfurado, aspirei notável quantidade de líquido. Depois, prosseguindo a agulha seu caminho, aspirei sangue da aurícula direita.

Em seguida retomei a faca de amputação e enterrando-a com as mesmas precauções, vi primeiro correr água (serosidade), e depois, empurrando mais para adiante, o sangue.

Por fim, se se enterra brutalmente esta faca, vê-se sair da chaga considerável fluxo de sangue; mas pode-se distinguir, sobre seus bordos,

que escorre também uma quantidade menos importante de serosidade pericárdica (líquido).

Era portanto, a água, líquido pericárdico. Pode-se supor que após aquela agonia excepcionalmente penosa que o nosso Salvador enfrentou, esse líquido do pericárdio fosse particularmente abundante e suficiente para que João, testemunha ocular, tivesse podido ver claramente correr sangue e água. Para ele a serosidade não podia ser senão água, da qual tem toda a aparência. Como no corpo não há outra espécie de água a não ser serosidade, não pode ser água pura. Aliás, nós mesmos a chamamos de "hidropericárdio" que quer dizer "água contida no pericárdio".

Ao ser erguido na cruz, Jesus estava sofrendo as consequências de uma "pericardite serosa traumática". Essa pericardite fora provocada pelos golpes, pauladas e sobretudo pelo açoitamento atroz sofrido no tórax, quando ele estava no pretório de Pilatos. Essa violência certamente provocou a pericardite que, após algumas horas, produz um derramamento seroso rápido e abundante.

Um médico é bem capaz de imaginar os graves incômodos que essa lesão deve ter ocasionado: dores precordiais dilacerantes, opressão, angústia, calafrios, febre e por fim dispneia intensa que sobrevém à asfixia por tetania dos músculos inspiradores. Assim se explicaria sua extrema fraqueza na subida do Calvário. Jesus não pôde nem sequer carregar a cruz, ainda que reduzida só ao patíbulo, nos 600 metros que separavam o pretório do Gólgota, e foi preciso que Simão o substituísse. Assim se explica também, em parte, suas quedas no caminho para o Calvário.

Eis pois explicada, com grandes probabilidades de exatidão, a origem do sangue e da água. No momento do lançaço, o cadáver pregado à cruz estava em posição vertical. A aurícula direita esvaziou-se e, parcialmente, também a veia cava superior que lhe está por cima, com suas veias da cabeça e dos braços.

A COAGULAÇÃO SANGUÍNEA

Devo aqui recordar algumas noções elementares de fisiologia. O sangue permanece sempre líquido, e jamais se coagula num vaso intacto. Continua líquido mesmo nas veias do cadáver, e isto quase que indefinidamente, até a putrefação ou dissecação.

E mesmo ali, fica por algum tempo vivo, pois já foram feitas, na Rússia, transfusões de sangue de cadáver. É certamente, por falta de pacientes que voluntariamente aceitem tal transfusão que elas não são praticadas. Para isso seria necessário utilizar-se o sangue de cadáveres de pessoas sadias, das quais se tenha verificado antecipadamente o grupo sanguíneo e cuja morte prevista e legalmente provocada, tenha sido produzida por traumatismo que poupou a massa sanguínea.

Parece certo que a lança feriu o corpo de Jesus pela frente (a cruz protegia as costas): em um ponto bastante alto para atingir o coração; à direita, para abrir a aurícula direita, única cavidade do coração que poderia fornecer sangue (uma vez que a aurícula esquerda é profunda e fora de alcance).

SEMPRE FIQUEI MEIO CHOCADO pela maneira um tanto brutal segundo a qual os artistas representam a descida da cruz. Os comovidos discípulos de

Jesus, José de Arimateia, Nicodemos e os outros mostram, é verdade, profunda aflição, mas parecem, no entanto, entregues a tarefas antes dignas de carrascos. Porém, minhas pesquisas me levaram a uma concepção completamente diferente e muito afastada da tradição corrente. Creio que aquela boa gente conseguiu, realmente, descer o corpo da cruz e transportá-lo até o túmulo com uma delicadeza, uma ternura e um respeito infinitos. Mal ousavam tocar aquele corpo.

O corpo de Jesus foi transportado horizontalmente, conforme tinha sido retirado da cruz, até a proximidade do túmulo. Creio que só ali o envolveram nas especiarias e nos panos mortuários.

A morte de Jesus sobreveio após contrações tetânicas de todos os músculos. Essas dolorosas cãibras generalizadas constituem aquilo que chamamos de tetania. Esta nada tem a ver (insisto em informar isso aos não médicos) com o tétano, doença infecciosa que produz cãibras análogas. Essa tetanização acabou por atingir os músculos respiratórios, levando à asfixia e à morte.

O crucificado só podia tentar escapar à asfixia erguendo-se sobre os cravos dos pés para diminuir a tração do corpo sobre as mãos. Cada vez que quisesse respirar mais livremente ou falar, deveria se erguer sobre os cravos dos pés, à custa de outros sofrimentos. Ao morrer nestas condições, a rigidez cadavérica deve ter sido extrema, como quando acontece com os doentes que morrem de tétano. O corpo estava rígido, fixado na posição da crucificação. Podia ser levantado sem que se dobrasse, seguro apenas pelas duas extremidades.

Portanto, pode-se concluir que tudo se passou mais ou menos da seguinte maneira:

1. Os pés foram despregados do stipes, havendo um só cravo a arrancar da madeira.

2. O patíbulo foi abaixado com o corpo, sem se despregarem as mãos. O conjunto foi transportado em bloco, sem nenhum artifício, provavelmente por quatro carregadores.

3. O corpo só foi colocado nos panos mortuários no fim do transporte.

4. Despregaram as mãos, retiraram o patíbulo e puxaram os membros superiores, cruzando as mãos diante do púbis.

DEPOSIÇÃO NO TÚMULO

Finalmente, graças ainda à rigidez cadavérica, que no caso era extrema, puderam com facilidade colocar o corpo no túmulo. Introduziram-no, lateralmente, segurando-o por baixo e estando todos os transportadores do mesmo lado da entrada. É assim que se coloca no leito um operado adormecido, e a rigidez facilitava bastante o transporte. Notemos que se poderia pensar que o corpo tivesse sido colocado, provisoriamente, não sobre a pedra sepulcral do fundo, mas em uma antecâmara, hoje desaparecida, enquanto esperava o embalsamento definitivo, após o sábado. Esta hipótese merecia uma discussão mais aprofundada, porém sai dos limites deste estudo.

JÁ QUE MUITOS TENTARAM fazer uma narração dos fatos que ocorreram após a morte de Jesus, segundo o que nos transmitiram aqueles que foram

desde o início testemunhas oculares e ministros da sua Palavra, pareceu-me bem, também a mim que, de há muito venho me dedicando a pesquisar com muito cuidado sobre este assunto, escrever este capítulo.

Desta vez não mais se trata evidentemente de fazer considerações no terreno da anatomia. Porém, quero deixar bem claro que se ouso emitir alguma hipótese, ou tirar alguma conclusão, é por que estou apoiado em inúmeras pesquisas, experiências e em autoridades incontestáveis.

Nesta questão tudo repousa sobre o estudo dos quatro Evangelhos. Por isto nós os seguiremos palavra por palavra, procurando em outras passagens da Sagrada Escritura os esclarecimentos necessários, e pedindo, às vezes, a outras ciências os auxílios que nos possam dar. A base essencial de nosso estudo é a sinopse dos quatro Evanelhos no original grego, no texto latino e no aramaico.

O primeiro fato notável nesta leitura de conjunto (sinóptica) é que cada um dos quatro evangelistas descreveu os acontecimentos de acordo com seu plano e temperamento pessoal, de modo diferente, muitas vezes com outras palavras, não insistindo sobre os mesmos detalhes. Eles se completam sem se contradizerem. Sabemos que todos foram inspirados pelo Espírito Santo e possuem o privilégio da inerrância.

Quando nos parece ver neles oposições, é porque os estamos compreendendo mal. Não pretendo, ao estabelecer este princípio, cair no erro do concordismo, mas quase sempre seremos forçados a reconhecer dentro das aparentes contradições uma concórdia perfeita. Consideraremos vários detalhes, mas detalhes que não podem levar perturbação aos espíritos melancólicos.

Um outro fato, pelo qual começaremos, destaca-se claramente do conjunto das narrativas. É a brevidade do tempo concedido aos discípulos para o sepultamento de Jesus. Releiamos pois, nossa sinopse. Estamos no Gólgota, à hora nona, isto é, cerca das três horas da tarde, do dia 13 do mês de nisan, provavelmente no ano 30 d. C.

Jesus inclinou a cabeça sobre o peito, no momento escolhido por Ele, e entregou sua alma humana ao Pai. Ora, o Sábado começaria às seis horas, ao aparecimento da primeira estrela, quando não mais se pudesse distinguir um fio branco dum fio negro. E quantas coisas serão feitas nessas três horas! João comenta: “Os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz, pediram a Pilatos que quebrassem as pernas de Jesus.

Pois era o Dia da Preparação, e o dia seguinte era o grande dia de sábado"(Jo 19. 31).

Lembrem-se que a distância entre o Calvário e o Pretório é de 600 metros, um percurso cheio de ruas acidentadas, e que as idas e vindas vão ser muitas. Pilatos não estará certamente de muito bom humor para se apressar em receber esses judeus que conseguiram-lhe arrancar, através da coação e do medo, uma condenação injusta. Deve tê-los feito esperar. Entretanto, concordou em enviar soldados munidos das barras de ferro necessárias para quebrar as pernas dos condenados. O costume romano era deixar os condenados na cruz até a morte e de lançá-los, em seguida, na vala comum. Porém, por outro lado a orientação de Roma era a de se adaptar aos costumes de cada país.

"Os soldados foram e quebraram as pernas do primeiro e do outro que foram crucificados com Ele" (Jo 19.32). Este "crurifragium" impedia que os crucificados se soerguessem apoiando-se nas pernas para dessa forma diminuir a tração sobre as mãos. A "tetania" os dominava definitivamente, e eles morriam por asfixia. Os dois ladrões vão agonizar; porém Jesus já está morto.

Destaca-se neste momento o gesto trágico de um dos soldados. Ele ergueu a lança e perfurou um dos lados do corpo de Jesus, na altura do coração. A tradição diz que foi o próprio centurião da guarda no Calvário que fez isto, e lhe dá o nome de Longinos, que não passa de uma deformação do nome grego "lonche", isto é "lança". Por que esse centurião haveria de praticar esse ato tão cruel, sabendo-se que ele acompanhou com simpatia o martírio de Jesus, e o proclamou justo e Filho de Deus?

Em todo o caso, João disse que foi "um dos soldados" (Jo 19.34). Já vimos que isto não passava de gesto regulamentar entre os romanos, indispensável para a entrega do corpo à família, que já dera os primeiros passos para requerê-lo. Não insistirei sobre este episódio, já longamente estudado em outro capítulo.

A tarde já ia avançada quando chegaram José e Nicodemos para providenciar o sepultamento. "Chegada a tarde", diz Mateus (27.57). "Ao cair da tarde", insiste Marcos (15.42). José de Arimateia chegou primeiro. Era, segundo os sinóticos, membro do Sinédrio, homem justo e bom, discípulo de Jesus.

Na qualidade de membro do conselho, acrescenta Lucas, “não tinha consentido na decisão e na ação dos outros”. Vendo que Jesus já estava morto, e que os ladrões estavam agonizantes e os judeus os iam retirar das cruzes, José de Arimateia decidiu ir procurar Pilatos para requisitar o corpo do Mestre. “Era discípulo de Jesus, ainda que secretamente por medo dos judeus”, diz o evangelista João (Jo 19.38). “Foi ousadamente a Pilatos”, insiste Marcos.

Isto siginificava, de fato, comprometer-se seriamente e, sem dúvida, ele deve ter hesitado um pouco. Mas Pilatos, com raiva dos sinedritas, devia com satisfação atender o seu pedido, muito satisfeito por poder atirar esta cartada contra seus perseguidores. Convém relermos em Mateus a arrogância com que Pilatos os recebeu em seguida quando lhe vieram expor o receio de furto do corpo, e pediram ao procurador que o túmulo fosse guardado com segurança: “Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer” (Mt 27.65).

Pilatos estava, portanto, muito bem disposto a acolher o pedido de José. Mas o fato de que Jesus já tivesse morrido o espantou. Os crucificados não morrem tão depressa, e José deve ter dito que não lhe haviam quebrado as pernas. Ao ser informado disso o procurador mandou chamar o centurião da guarda do Calvário. Esse veio e confirmou ao seu chefe que Jesus já estava morto, e Pilatos imediatamente liberou o corpo a José de Arimateia. Havia, como já sabemos, o costume de entregarem o corpo dos supliciados às famílias que os pedissem.

Mas precisavam de vestes mortuárias. Mateus e Lucas apenas dizem: “Este, tirando o corpo, envolveu-o em um lençol que comprara”. “Envolveu-o num lençol limpo de linho”, comenta Mateus.

Em seguida dirigiu-se ao Calvário, e todo o trabalho estava ainda por fazer. A respeito da descida da cruz e do transporte para o túmulo, eu já expus claramente minhas ideias. O corpo só foi envolvido no lençol após o transporte da cruz para o túmulo. A cruz consta de duas peças: o “stipes”, permanentemente fincado no Calvário, e o “patibulum”, o braço horizontal que foi transportado por Jesus. Após a morte por “tetania”, a rigidez se apossa do cadáver de maneira súbita e máxima. O corpo fica como uma barra de ferro. Daí por diante arrancaram-lhe o cravo dos pés, o que não foi tão fácil, desengancharam o patíbulo que dois homens sustentavam, um em cada extremidade, enquanto um terceiro sustentava os calcanhares de Jesus.

Felizmente, o sepulcro estava ali pertinho, e por isto mesmo o haviam escolhido. Esse sepulcro tinha sido "aberto em uma rocha", escreve Marcos (Mc 15.46), e "onde ainda ninguém havia sido sepultado", acrescentou Lucas (Lc 23.53). Mateus comenta que José colocou o corpo de Jesus "no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha" (Mt 27.60). João é ainda mais explícito: "No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim e nele um sepulcro novo, onde ninguém havia sido sepultado. Por ser o dia da Preparação para os judeus e pelo túmulo estar perto, colocaram ali o corpo de Jesus" (Jo 19.41,42). Creio que não se poderia sublinhar com maior clareza a pressa que eles tinham de terminar a preparação para o sepultamento, antes que chegasse o sábado.

Transportado o corpo, foi este primeiramente estendido sobre uma pedra da antecâmara do sepulcro, que a tradição chama a "pedra da unção". Era necessário libertá-lo do patíbulo. Puderam então arrancar os cravos das mãos, com piedosas e ternas precauções, conforme bem podemos imaginar.

Embora esse trabalho realizado no chão seja mais fácil, ainda se requer muita força e tempo para se arrancar esses cravos da madeira. Feito isto, os cravos saem dos carpos sem dificuldade. Em seguida os braços devem ter sido colocados estirados junto ao corpo. A rigidez, como o dissemos, era máxima. Deve ter sido necessário empregar muita força para vencê-la, tornar flexíveis as espáduas e levar as mãos até cruzá-las diante do púbis. Tudo isto exigia tempo. "E o sábado estava para começar", disse Lucas. As lâmpadas do Templo estavam começando a ser acesas, e as trombetas que anunciavam o início do grande dia já iam soar. Como então executar de maneira completa os ritos do sepultamento?

Antes de continuarmos os estudos de nossos textos, seria oportuno procurarmos saber como os judeus sepultavam seus mortos. A primeira certeza que temos é que isto nada tinha de comum com o embalsamamento dos egípcios. Em toda a Bíblia, só encontramos referências a duas mumificações: a de Jacó e a de José, mas isto mesmo no Egito. Nas catacumbas judaicas, as múmias são raríssimas (duas ao todo). Trata-se provavelmente de judeus da diáspora egípcia. Todos os outros corpos estão vestidos, conforme vamos ver.

Maimônides, médico judeu-espanhol de Córdoba, do século 12, escreveu: "Depois de fechados os olhos e a boca do defunto, ungia-se o seu corpo de essências perfumadas, e em seguida o enrolavam em um tecido

branco, no qual se encerravam ao mesmo tempo os aromas". A Michna (Chabbath, 33, 5) nos diz a esse respeito: "Deve-se cumprir tudo o que se deve ao morto: ungindo-o e lavando-o". Suponho, ao menos me parece mais lógico, que primeiro ele era lavado, e depois ungido.

Alfred Lévy, rabino de Lunéville escreve: "Uma vez verificada a morte, espera-se um quarto de hora durante o qual deve-se colocar nas narinas do defunto penas leves, e se observa atentamente para ver se algum movimento delas não vem indicar que a respiração voltou. Passando este prazo, fecha-se a boca e os olhos do defunto, dá-se a seus membros uma posição regular, envolve-se o corpo em uma mortalha, e estendendo-o por terra, pronuncia-se estas palavras: "Tu és pó e ao pó voltarás".

Parece, portanto, haver aí uma cerimônia preliminar, depois da qual se terá o tempo necessário para se preparar o sepultamento propriamente dito. Alfredo Lévy continua: "Antes de se vestir o cadáver, ele é purificado, ou seja: lavado com água morna. Outrora (eis o que nos interessa) ele era também perfumado com essências diversas. Depois disto era vestido com a roupa habitual. Porém, esse ato de vestir os cadáveres tornou-se uma cerimômia cada vez mais luxuosa, transformando-se, pouco antes do tempo de Jesus, em uma carga tão grande para os herdeiros, que Gamaliel, o Antigo, querendo reagir energicamente contra essa vaidade, ordenou que seu cadáver fosse vestido com roupas simples. Essa resolução de reconduzir esse cerimonial à sua antiga simplicidade alcançou pleno sucesso e se perpetuou por todos os séculos".

Isto se conclui também de uma série de documentos reunidos em meio israelita por M. Pourché. Vários rabinos por ele interrogados na França e na Palestina confirmaram tudo isto. Não conheciam senão um caso em que se fala de faixas para as mãos e os pés: o de Lázaro, no evangelho de João (Jo 11.44).

O costume dos primeiros cristãos, que devia derivar do costume dos judeus, nos é manifesto através das "Atas dos Mártires" onde só aparecem lençóis, mortalhas, tecidos de linho, vestimentas de linho simples, ou mais ou menos ornados. Nas figuras que ornamentam as catacumbas encontram-se tecidos de linho, tecidos tingidos de púrpura, telas e sedas bordadas e ornamentadas, tecidos de ouro e vestes preciosas.

Envolvido primeiro no lençol, o corpo era em seguida vestido após a unção definitiva, e disto encontramos confirmação nas próprias Sagradas

Escrituras. Já não falo da filha de Jairo que acabara de morrer quando Jesus a ressuscitou. Mas o filho da viúva de Naim estava sendo levado ao túmulo, quando Jesus lhe disse: "Jovem, eu te mando: Levanta-te!". O que estivera morto se sentou e começou a falar. Jesus o entregou à sua mãe (Lc 7.14). Se o rapaz estivesse despido sob o lençol, não teria sido entregue imediatamente à sua mãe sem que o evangelista mencionasse providências no sentido de cobri-lo.

No caso de Tabita, ressuscitada por Pedro em Jope (At 9.40,41), o fato de o cadáver estar vestido é ainda mais evidente: "…Voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te! Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, se sentou. Ele lhe deu a mão e a levantou. Então, chamando os santos e as viúvas, a apresentou viva". Portanto, os dois defuntos estavam vestidos.

Do ponto de vista histórico, tudo parece esclarecido. Em uma primeira fase envolviam o corpo em um lençol, e depois o preparavam para a sepultura. Isto consistia em lavá-lo com água quente seguida por uma unção com essências perfumadas, como o bálsamo de nardo precioso usado por Maria Madalena durante a ceia em Betânia, ou os aromas que ela levava para o túmulo, no dia da Ressurreição. Esta unção era feita através de fricção. O verbo "aleiphein" (ungir) empregado por Marcos (16.1) neste último episódio indica uma fricção com bálsamo ou óleo. É a mesma palavra que se emprega para a unção dos lutadores, antes das provas do estádio. Não se trata de simples aspersão.

Após vestirem o cadáver, levavam-no ao sepulcro. Este era às vezes um buraco cavado na rocha para onde se descia por meio de degraus, e que se cobria com uma laje. Quase sempre era uma caverna cavada pela mão do homem, compreendendo uma antecâmara e uma cela posterior onde, sobre um banco rochoso, se depositava o cadáver. Uma pedra em forma de disco rolando em um canal lhe obstruía a entrada. "…e rolou uma pedra para a entrada do túmulo" (Mc 15.46). Era costume entre os judeus daquela época visitarem o defunto pelo menos durante três dias (os judeus tinham muito medo da morte aparente). Foi assim que Maria pôde dizer a Jesus, com conhecimento de causa, a respeito de Lázaro, seu irmão: "Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias" (Jo 11.39).

O "sindon" grego, "sindonis" segundo Jerônimo, que traduzimos hoje por lençol, sudário ou mortalha, era uma comprida peça de linho, muito mais comprida que larga, com a qual se envolvia a cabeça e depois o corpo do cadáver. Servia de roupa interior, de roupa noturna e, para os mortos, de

mortalha. Nós o chamamos também de sudário, e em aramaico era chamado de "sudarâ". Encontramos uma referência a ele em Marcos 14.51, no momento em que prenderam Jesus no jardim das Oliveiras: "Certo jovem o seguia, envolto unicamente num lençol, e o agarraram. Mas ele, largando o lençol, fugiu despido".

Sem dúvida era este jovem o próprio Marcos, filho de uma boa família de Jerusalém. A casa de sua mãe Maria haveria de ser mais tarde um dos centros de reunião da Igreja Primitiva (At 12.12). Encontramos também no Antigo Testamento referências a esse lençol ou sudário. Sansão (Jz 14.12) promete dar a seus companheiros, se eles decifrarem um enigma, 30 lençois e 30 túnicas (ARC). O "sudário" era usado debaixo da túnica, servindo-lhe de complemento.

O evangelista João diz que José de Arimateia, após pedir a Pilatos que lhe autorizasse sepultar o corpo de Jesus, retornou ao Calvário para levar o corpo (Jo 19.38). Nicodemos, aquele que viera uma primeira vez procurar Jesus de noite, também se aproximou, e trazia uma mistura de mirra e de aloés pesando cerca de cem libras (Jo 19.39) isto é, mais ou menos 32 kg. A mirra é uma resina extraída de uma umbelífera conhecida como bálsamo dendro. Tem um odor suave e possui ligeiro poder antisséptico. O aloés nada tem a ver com a árvore de aloés ou calambuco, vendido em aparas. O que foi utilizado no sepultamento de Jesus tem muito odor e grande poder antipútrido. Além disso, era, naquela época, muito raro e caro, vindo do Extremo Oriente. Era uma resina extraída do aloés, de longas folhas, grossas e espinhosas. Tem aroma balsâmico entre a mirra e o açafrão. Apesar de tudo, a mistura de Nicodemos não poderia ter tido a pretensão de embalsamar um corpo inteiro; apenas poderia retardar a putrefação da superfície coberta de chagas infectadas. A própria superabundância da mistura (32 kg) mostra que os dois discípulos só tinham como intenção uma antisepsia temporária.

Era necessário esperar 36 horas para se fazer na manhã de domingo o enterro ritual, lavar o corpo e o ungir com bálsamo. Era o trabalho das mulheres, e elas bem que para isso já estavam se preparando. "Estavam ali, observando de longe, muitas mulheres que tinham seguido a Jesus desde a Galileia, para o servir. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e José, e a mãe dos filhos de Zebedeu" (Mt 27.55).

Lucas, que certamente foi se informar com as santas mulheres, acrescenta mais outros detalhes: "Era o Dia da Preparação, e o sábado

estava para começar. As mulheres que tinham vindo da Galileia com Jesus, seguiram José e viram o sepulcro, e como o corpo fora ali colocado [certamente já faziam seus planos para a unção]. Então se retiraram para preparar aromas e bálsamos. Descansaram no sábado, conforme o mandamento. No primeiro dia da semana, bem de madrugada, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que haviam preparado" (Lc 23.54-56; 24.1).

Estas palavras dão-nos a impressão de estarmos quase que a ouvir aquelas mulheres fervorosas, narrando ao evangelista Lucas aquelas queridas lembranças como que perfeitamente embalsamadas em sua memória. E Marcos, por sua vez, nos diz: "Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago [ora a designa por um, ora por outro de seus filhos] e Salomé compraram aromas para irem ungir o corpo de Jesus". Este é que haveria de ser o sepultamento ritual e definitivo. Já determinamos o sentido do verbo "aleiphein". Tratava-se de aromas análogos ao bálsamo de nardo precioso espalhado por Madalena em Betânia. A mirra e o alóes apenas serviriam para conservar o corpo provisoriamente.

Partimos da mirra-alóes de João para chegarmos aos aromas dos sinóticos. Esta antecipação era necessária para estabelecer o detalhe do sepultamento.

Vimos que os judeus não usavam faixas na preparação dos cadáveres. Além disto as faixas, se não fossem depois desenroladas completamente, impediriam as unções previstas para o domingo. Finalmente, por que se dariam ao trabalho de o enfaixar se estavam prevendo as unções depois do sábado?

O texto grego diz que o corpo de Jesus foi envolvido por um "pequeno pano fino", "uma vestimenta", "um véu em tecido fino". No domingo de manhã, Pedro e João acorreram ao túmulo vazio e ali encontraram "os lençóis de linho" (Lc 24.12), ou "as faixas de linho" (Jo 20.4).

Então, tudo se esclarece. Os discípulos só executaram o primeiro ato dos costumes israelitas, aquele que precede o sepultamento propriamente dito, e isto por falta de tempo e de material. Envolveram o corpo de Jesus em um lençol de linho, e envolveram este com panos impregnados de uma mistura de mirra e de alóes, para obterem uma relativa antisepsia superficial. A unção definitiva após banharem o corpo seria feita pelas mulheres, no primeiro dia depois do sábado. É o que o evangelista João

diz: “Tomando o corpo de Jesus, o envolveram em faixas, junto com os aromas [a mirra e o alóes de Nicodemos] de acordo com o costume de sepultamento entre os judeus” (Jo 19.41). O maior destes panos (tecido de linho) era o lençol citado nos Evangelhos sinóticos, comprida e larga peça de linho. João não o nomeia expressamente, mas o citará no domingo de manhã.

No domingo de madrugada Maria Madalena, com as outras mulheres, levando seus aromas (Marcos e Lucas) para ungir o corpo de Jesus, vão ao sepulcro e o encontram aberto e vazio. Deixemos de lado os detalhes, a aparição dos anjos, o pavor das mulheres e sua fuga. Elas correm para anunciar aos apóstolos a nova, que estes qualificam de “loucura” (Lc 24.11). O doutor Lucas emprega aqui a palavra técnica “leros”, que siginifica delírio causado pela febre.

Conforme nos relata João (Jo 20.2-8), Madalena se dirige especialmente a Pedro e a João, que, sem aguardar a opinião dos outros, partem imediatamente para o túmulo. Lucas (24.12) só fala de Pedro: “Mas Pedro se levantando, correu ao sepulcro. Abaixando-se, nada mais viu a não ser os lençóis de linho; e retirou-se para casa, maravilhado com o que havia acontecido”.

Pedro e João correm ao túmulo, porém João, por ser mais jovem, chegou primeiro. Mas não entrou. Quando Pedro chegou entrou no sepulcro e “viu as faixas. E o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava como as faixas, mas enrolado num lugar à parte” (Jo 20.6,7). Depois o outro discípulo, que chegara primerio ao sepulcro, também entrou, viu e creu” (Jo 20.8).

Ora, a presença do lençol-mortalha no túmulo vazio parece dever fornecer uma prova irrefutável. (Se tivessem furtado o corpo, não teriam deixado o lençol, pois o corpo envolvido nele seria o meio mais prático de o carregar). Ficaria assim aniquilada a calúnia inepta dos judeus de um suposto furto, durante o sono dos guardas (Mt 28.11).

No “Targumim” (Bíblia com comentários aramaicos, em uso no tempo de Nosso Senhor) encontra-se a palavra “sudara”, que define precisamente o que acabamos de ver, que é o sudário (= sindone). No livro de Rute 3.15, o grande manto “mitfahah” (traduzido como capa), no qual Rute se enrolou para dormir aos pés de Boaz, e onde este de manhã derramou seis medidas de cevada, é uma comprida peça de tela, um grande véu que se mete sobre a cabeça e que, enrolando-se pelo corpo, desce até os pés.

Lembra, como o "sindon", o "himation" dos gregos, a "palla" dos romanos e a "schozar" das mulheres árabes, com a única diferença que é uma roupa de baixo e roupa de dormir.

Existe, portanto, na tradição oriental anterior ao Novo Testamento, a palavra "sudarâ", que não tem o sentido do latim clássico "sudarium" e de sua transcrição grega "soudarion", mas designa uma ampla vestimenta de linho que se coloca sobre a cabeça e desce até os pés. Ora, João, como bom galileu, fala um grego impregnado de aramaísmo. Quando pensa em "mortalha", a palavra que lhe vem aos lábios é "sudarâ", da língua materna. Não é então perfeitamente natural que se escreva em grego "soudarion"?

De agora em diante, tudo se torna claro. João encontrou, no túmulo, todos os panos, e entre eles a mortalha dobrada à parte, e que se chama de "sudário". Era o maior destes "panos", e compreende-se, sem dificuldade, que uma peça de quatro metros por um que estivesse dobrada no canto em que estava colocada, chamasse a atenção.

Além disso, João alcançou a finalidade a que se propusera: forneceu a prova de que o corpo não tinha sido roubado. Jesus ressuscitara e deixara sua mortalha no túmulo vazio.

Podemos, portanto, concluir, após este apaixonante estudo, que os quatro Evangelhos, ao se completarem mutuamente, estão em perfeito acordo. Jesus, por falta de tempo, foi colocado às pressas no sepulcro, na tarde de sexta-feira, após uma simples preparação para o sepultamento, apenas destinada a retardar a putrefação. Os discípulos, sem terem tido tempo de usar loção ou unção, envolveram seu corpo em lençol revestido de panos impregnados de grande quantidade de mirra e de alóes. A preparação definitiva para a sepultura, que consistia em lavar o corpo e em ungi-lo com aromas diversificados, deveria ser feita pelas mulheres no domingo de manhã. Quando chegaram ao túmulo vazio, Pedro e João encontram os panos e a mortalha dobrados à parte.

Ao chegar ao fim deste estudo, nada mais tenho a oferecer ao leitor senão a narrativa cruel dos sofrimentos físicos da Paixão, tal como eu a contemplei com um olho cirúrgico. Ao chegar até aqui, o leitor deve ter adquirido, assim o espero, a impressão de uma construção sólida, homogênea de todo o quadro da crucificação, que não deixa sombra de dúvida sobre sua veracidade. Uma vista de conjunto sobre semelhante

problema não se pode adquirir senão por um exame minucioso dos detalhes.

Vimos neste exame experiências anatômicas, considerações fisiológicas e pesquisas arqueológicas e filológicas. É que na verdade, e desde os primeiros tempos, o que dominava o meu pensamento era a reconstituição da Paixão de Nosso Senhor em seus menores detalhes, era poder reconstituir em suas circunstâncias físicas este drama essencial da redenção que domina nossa existência terrestre efêmera, e influencia definitivamente nossa vida eterna.

Cheguei assim a esquecer muitas vezes o objeto primitivo de minhas pesquisas. Minha busca fervente não conservava mais que um objetivo: Jesus morto por mim; como, pois, morreu Ele?

A paixão de Jesus Cristo começou, na verdade, no dia de Natal, pois Jesus, em sua onisciência, sempre soube e sempre viu os sofrimentos que

aguardavam sua natureza humana. O primeiro sangue que ele derramou por nós foi o da circuncisão, oito dias após seu nascimento. Bem se pode imaginar o que significa para um homem ter a visão antecipada do seu martírio.

No entanto, é no Getsêmani que o holocausto vai começar. Jesus, após ter feito os seus discípulos comerem os símbolos de sua carne e de seu sangue — o pão e o vinho —, os conduziu noite a dentro para o Jardim das Oliveiras, como fizera outras vezes. Deixou-os se acomodarem perto da entrada, e conduziu um pouco mais adiante seus três discípulos mais achegados. Em seguida distanciou-se sozinho para se preparar através da oração para o que viria ainda naquela noite e no dia seguinte. Sabe que Sua hora está chegando. Ele mesmo já despachara o traidor: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (João13.27). Jesus tem pressa de concluir o que veio fazer aqui na terra. Mas, como ele se revestira, ao se encarnar, desta forma de escravo que é a nossa humanidade, ela revolta-se, e inicia-se uma luta entre Sua vontade e a natureza humana. Consequentemente, ele começou a sentir temor e angústia (Mc 14.33).

O cálice que ele deve beber contém duas amarguras: A primeira é o ter que assumir os pecados dos homens, Ele, o Justo. É uma prova cujo tamanho não podemos imaginar, pois os mais santos, dentre nós, são exatamente os que mais sentem sua própria indignidade e infâmia. "Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua!" (Lucas 22.42). É sua humanidade que fala… mas que também se submete, porque sua divindade sabe o que quer, desde toda a eternidade. Porém o Homem Jesus sente-se só diante daquele cálice. Seus três fiéis discípulos adormeceram… "de tristeza" (Lucas 22.45), diz Lucas. Pobres homens!

A luta era tão tremenda que um anjo veio confortá-lo. "E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lucas 22.44). Notemos que o único evangelista que relata esse fato é um médico, Lucas. A hematidrose é fenomeno raro mas bem descrito. Aparece, segundo o Dr Le Bec, "em condições completamente especiais: durante uma grande debilidade física, acompanhada de um abalo moral, seguido de profunda emoção, de grande medo" ("Le Supplice de la croix", Paris, 1925, loc cit). O medo, o terror e o abalo moral estão aqui, no auge. É o que Lucas exprime por "agonia" que em grego significa luta, ansiedade, angústia.

"Seu suor tornou-se como gotas de sangue caindo sobre a terra". Ocorreu uma vasodilatação intensa de capilares subcutâneos que se romperam em contato com os fundos-de-saco de milhões de glândulas sudoríparas. O sangue se misturou ao suor e se coagulou na pele após a exsudação. É esta mistura de suor e de coágulos que se reúne e escorre por todo o corpo em quantidade suficiente para cair por terra. Notem que essa hemorragia microscópica se produz em toda a pele, que fica, portanto, prejudicada em seu conjunto e, de algum modo, dolorida e mais sensível a todos os golpes futuros. Mas, passemos adiante.

Eis que surgem Judas e os empregados do Sinédrio, armados com espadas e paus. Trazem também lanternas e cordas. Lá estão, igualmente, os soldados do Templo, comandados por um tribuno. Jesus se adianta. Uma só palavra é suficiente para derrubar seus agressores, como derradeira manifestação do Seu poder, antes que o poder das trevas passe a controlar a situação. O impetuoso Pedro aproveita a confusão para decepar a orelha de Malco, mas Jesus, como último milagre, recoloca a orelha no lugar.

O bando ululante se refaz, prende o Messias e arrasta-o sem delicadeza alguma, deixando os discípulos fugir. É o abandono, pelo menos aparente. Jesus sabe muito bem que Pedro e João o seguem "de longe" (Mc 14.54; Jo 18.15), e que Marcos não escaparia à prisão a não ser fugindo nu, deixando nas mãos dos guardas o "sindon" no qual estava enrolado.

Mas ei-los agora diante de Caifás e do Sinédrio. É noite avançada, e não se pode tratar senão de um interrogatório preliminar. Jesus se recusa a responder as perguntas. Ele já pregara sua doutrina abertamente. Caifás está desorientado, furioso, e um de seus guardas, traduzindo esses sentimentos, dá um grande tapa no rosto do réu: "É desse jeito que respondes ao Sumo sacerdote?" (Jo 18.22).

Isto nada vale como processo. É necessário aguardarem o amanhecer para ouvirem as testemunhas. Jesus é arrastado para fora da sala, no pátio vê Pedro que acabara de o negar por três vezes, mas com o olhar o perdoa. Arrastam-no então para algum dos compartimentos inferiores (destinados ao pessoal de serviço e os guardas), e ali a turba de canalhas vai-se entregar alegremente à desforra contra esse "falso profeta" (devidamente amarrado) que há poucos instantes os lançara por terra usando um poder que eles desconheciam. Cobrem-no de bofetadas e de socos, escarram-lhe

no rosto. Já que também não mais poderiam dormir, aproveitam para uma diversãozinha.

Colocam um véu sobre sua cabeça, e cada um dá o seu golpe. Os tapas estalam (e esses brutos têm a mão pesada!): "Profetiza, ó Cristo, quem te bateu". Seu corpo já está completamente dolorido, a cabeça soa como um sino, sobrevêm-lhe vertigens… mas ele está calado. Com uma única palavra poderia aniquilá-los, mas não abriu a sua boca (Isaías 53.7). Essa gentalha acabará por se fatigar, e Jesus sofre o espancamento e espera.

De manhã cedo acontece a segunda audiência. Lamentável desfile de falsas testemunhas que nada provam. É necessário que Ele se condene a si próprio afirmando sua filiação divina, e aquele vil histrião, Caifás, o proclamará blasfemo rasgando as vestes. Ó, não se preocupem com o prejuízo das roupas, pois esses espertos judeus, prudentes e pouco inclinados a despesas, têm um rasgão preparado de antemão e ligeiramente costurado que pode servir de encenação grande número de vezes. Não falta agora senão obter de Roma a condenação capital cuja alçada, nos países sob seu protetorado, ficava reservada aos magistrados romanos.

Jesus já exausto e completamente moído pelos golpes, vai ser arrastado ao outro extremo de Jerusalém, à cidade alta, à fortaleza Antônia, espécie de cidadela, de onde a majestade romana assegura a ordem nessa cidade demasiadamente inclinada à rebelião. A glória de Roma está representada por um infeliz funcionário, simples cidadão romano da classe dos cavaleiros, muito satisfeito por exercer esse comando, que, no entanto, era bem difícil por se tratar de um povo fanático, hostil e hipócrita.

Pilatos é muito cuidadoso no que se refere à suas atribuições, mas sente-se agora acuado entre as ordens imperativas da metrópole e as ameaças insinuadas por esses judeus que tantas vezes têm mostrado estar em boas graças junto aos imperadores. Em resumo, é um pobre coitado. Só tem uma religião — se é que tem alguma — a do Divus Caesar (O Divino Imperador). É o produto medíocre da civilização bárbara, da cultura materialista. Mas como querer-lhe mal? Ele é o resultado de todas as influências que sofreu em Roma.

A vida de um homem tem para ele pouca importância, sobretudo se esse homem não for cidadão romano. Não lhe ensinaram a compaixão, e ele só conhece um dever: manter a ordem (Em Roma pensam que isto é fácil). Todos esses judeus rabujentos, mentirosos e superticiosos, com

todos os seus tabus e sua mania de se lavar por um nada, seu servilismo, insolência e aquelas pérfidas denúncias ao Ministério contra um Administrador colonial que faz tudo o que pode, tudo isto o desgosta. Pilatos os despreza… e os teme.

Jesus, pelo contrário (e no entanto, em que estado apareceu diante dele, coberto de equimoses e de escarros!), Jesus lhe era simpático. Ele irá fazer tudo o que pode para arrancá-lo das garras daqueles lobos traiçoeiros (Jo 19.12). Jesus é galileu, e por isso é enviado a Herodes que brinca com raposas e se julga uma delas. Mas Jesus despreza essa raposa e não lhe responde uma única palavra. Ei-lo novamente de volta com a turba que vocifera e aqueles insuportáveis fariseus que gritam em um tom superagudo agitando suas barbichas.

Pilatos interroga esse pobre homem que o interessa. Jesus não o despreza. Tem compaixão de sua ignorância invencível, responde-lhe com doçura e até tenta instruí-lo. Se Pilatos tivesse lido as Escrituras, talvez se tornasse um outro Nicodemos. Os soldados da guarda levam Jesus para o átrio do pretório. As distrações eram raras naquele país de ocupação. No entanto, várias vezes o Senhor manifestara especial simpatia para com os militares. Ele admirou a confiança e a humildade daquele centurião e sua afetuosa solicitude para com o servo que recebeu o benefício da cura em atenção ao centurião (Nada me tirará a convicção de que se tratava do ajudante de ordens desse tenente de infantaria colonial). E logo em seguida, será o centurião da guarda do Calvário quem primeiramente proclamará a divindade de Jesus. A corte parece tomada de um delírio coletivo, coisa que Pilatos não previra. Ali estava Satanás para lhes alimentar o ódio.

Mas basta. Basta de discursos; pancadas somente. Despem-no e o amarram completamente nu a uma coluna do átrio. Com os braços esticados para cima e os punhos amarrados no alto da coluna.

A flagelação se faz com correias múltiplas, em cujas tiras estão fixados, a alguma distância da extremidade livre, duas esferas de chumbo ou ossinhos. A lei hebraica fixara o número de golpes em 39. Mas os carrascos são legionários desregrados, e irão até o limite da síncope. O chicote castiga as espáduas, costas, rins e também o peito. As chicotadas vão até às coxas e barriga das pernas. Ali, a extremidade das correias, além das esferas de chumbo, contorna o membro e vem marcar seu sulco até a face anterior das pernas.

Os carrascas são dois, um de cada lado. Batem com golpes redobrados, com grande afinco. Aos primeiros golpes as correias deixam longos riscos azuis de equimose subcutânea. Lembrem-se que a pele já está sensibilizada, dolorida pelos milhões de pequenas hemorragias intradérmicas do suor de sangue. As esferas de chumbo marcam mais. Em seguida a pele, infiltrada de sangue e mais sensível, é dilacerada por novos golpes. O sangue jorra, pedaços de tecido se destacam e ficam pendentes. Toda a superfície dorsal do corpo de Jesus não é outra coisa senão uma superfície vermelha sobre a qual se destacam grandes vergões sangrantes. E aqui e ali, em toda parte, as chagas mais profundas das esferas de chumbo.

A cada golpe o corpo estremece com um sobresalto doloroso. Mas Jesus não abre a boca, e este mutismo redobra a raiva satânica de seus carrascos. Já não é mais a fria execução de uma ordem judiciária, é um desencadeamento de demônios. O sangue escorre das costas até o chão, ficando as grandes lages logo cobertas dele, e quando o chicote se levanta e bate, o sangue se espalha em chuva até as vermelhas clâmides dos espectadores. Porém, logo as forças de Jesus começam a desfalecer, um suor frio inunda sua fronte, sua cabeça gira com sensações de vertigem e náuseas. Calafrios percorrem sua espinha. Suas pernas se dobram sob seu peso, e se não estivesse ligado no alto pelos punhos, teria caído sobre a poça de seu próprio sangue.

Cansados de o açoitarem, fazem com que ele se sente sobre uma base de coluna. Uma velha clâmide de legionário sobre as espáduas despidas lhe servirá de púrpura real. Colocam um grande caniço em sua mão direita. O quadro de zombaria está quase completo. Só lhe falta uma coroa. Essa coroa, que nenhum outro crucificado usou, servirá para fazer com que ele seja reconhecido até 21 séculos depois. Em um canto havia um feixe de uns arbustos abundantes nas capoeiras dos arredores da cidade. É flexível e tem compridos espinhos, muito mais compridos, agudos e duros que os da acácia.

Começam a tecer a coroa com precaução, uma espécie de fundo de cesta, e em seguida a enterram sobre o crânio. Ele envolve toda a cabeça de Jesus, da testa à nuca. Os espinhos penetram no couro cabeludo, e isto sangra muito (Nós, os cirurgiões, bem sabemos o quanto um couro cabeludo sangra). Logo o crânio fica todo pegajoso de tantos coágulos.

Compridos filetes de sangue começam a escorrer pela testa sob a faixa de juncos, ensopam os cabelos emaranhados e enchem a barba.

Começa em seguida a comédia da adoração. Cada um vem por sua vez dobrar o joelho diante de Jesus com espantosa careta seguida de um grande tapa: "Salve, rei dos judeus!". Mas Ele nada responde. Seu pobre rosto abatido e pálido continua imóvel. Furiosos, aqueles homens cruéis escarram no seu rosto. "Não sabes segurar o cetro? Então toma!". E pam! – dão um grande golpe no chapéu de espinhos que se enterra mais ainda, e lançam uma chuva de insultos sobre Jesus. Dão-lhe pauladas e mais pauladas na cabeça, nos ombros e provavelmente na face. É demais, meu Deus!

Mais eis que Pilatos volta, bastante inquieto com a situação do prisioneiro: "O que esses brutos terão feito dele?" Haviam preparado o rei dos judeus muito bem. Os judeus vão ficar contentes ao vê-lo assim!… Pilatos resolve mostrar-lhes o prisioneiro da sacada do pretório, em seus novos trajes reais. Bastante espantado estava Pilatos com ele próprio por sentir alguma compaixão por aquele farrapo humano. Quando Pilatos o apresenta, a multidão grita: "Crucifica-o! Crucifica-o!" (João 19.15) Ah! Que demônios! E o argumento mais terrível que apresentavam era: "Ele se fez rei; se o absolveres, não és amigo de César". Então o covarde entregou Jesus e lavou as mãos.

Arrancam-lhe o manto que já estava colado a todas as suas feridas. O sangue torna a correr, e Jesus sente um grande calafrio. Fazem-no vestir de novo suas próprias roupas que logo se tingem de vermelho. A cruz está pronta. Ele mesmo coloca o lenho sobre seu ombro direito. É quase um milagre de energia ele poder continuar de pé sob aquele fardo. Não é, na verdade, toda a cruz, mas somente o grande travessão horizontal, o patibulum, que ele deve carregar até o Gólgota, mas esse mesmo pesa cerca de 50 quilos. O braço vertical, o stipes, já está plantado no Calvário.

Jesus começa a marcha de pés descalços, caminhando por ruas de solo irregular semeado de pedregulhos. Preocupados, os soldados puxam pelas cordas que o prendem, sem saber se ele conseguirá chegar até o fim. Dois ladrões o seguem, carregando também os seus patibuluns. O percurso não é, felizmente, muito longo. São cerca de 600m. A colina do Calvário está apenas do lado de fora da porta de Efraim. Mas em compensação o trajeto é muito acidentado, mesmo dentro dos muros. Jesus, penosamente, coloca um pé diante do outro, e cai com frequência. Cai sobre os joelhos que em

pouco tempo não são outra coisa senão uma só chaga. Os soldados da escolta o reerguem, sem o brutalizarem muito, pois percebem agora que ele poderá morrer a qualquer momento no caminho.

O travessão continua em equilíbrio, sobre suas costas, ferindo-as cada vez mais com sua asperesa, e parecendo querer penetrar nelas à força. Os ombros de Jesus estavam cobertos de chagas que se reabriam, se alargavam e sangravam a cada passo. Jesus está esgotado. Em sua túnica inconsútil, uma enorme mancha de sangue vai sempre aumentando e se estendendo por suas costas. Ele cai mais uma vez, agora completamente ao comprido. O travessão se lhe escapa e lhe esfola as costas. Será que ele conseguirá reerguer-se? Felizmente passava por ali um homem que regressava dos campos que estivera cultivando. Seu nome é Simão Cireneu, pai de Alexandre e Rufo. Os soldados o requisitam para carregar o travessão. Faltava ainda subir a ladeira do Gólgota. Reunindo todas as suas forças, Jesus chega até ali, cai prostrado no solo, e a crucificação começa.

Ó, não é coisa tão complicada; os carrascos conhecem muito bem seu ofício. É necessário primeiro despir a vítima. Quanto às roupas externas, é relativamente fácil. Mas quando chega a vez da túnica, que estava intimamente colada às feridas de Jesus, ao longo de todo o seu corpo por assim dizer, foi algo terrível; esse despojamento foi simplesmente atroz. Quem já tirou alguma vez um primeiro curativo colocado sobre grande chaga contusa e ressequida, sabe o que eu estou falando. Jesus tinha dezenas dessas chagas espalhadas por todo o corpo. Cada fio de lã está colado à superfície despida, e cada um que é retirado dá a sensação de que se está arrancando uma das inumeráveis terminações nervosas fixadas dentro da chaga. Esses milhares de choques dolorosos se adicionam e se multiplicam na proporção da quantidade das feridas existentes. Ora, não se tratava aqui de lesão local, mas de quase toda a superfície do corpo, e sobretudo daquelas lamentáveis costas. Os carrascos apressados fazem as coisas apressadamente.

O sangue escorre de novo. Deitam-no de costas. Será que lhe deixaram a pequena faixa que o pudor dos judeus conservava nos supliciados? É provável que sim. As chagas das costas, das coxas e das panturrilhas se incrustam de poeira e de cascalho miúdo. Colocam-no ao pé do stipes, com as costas deitadas sobre o patíbulo. Os carrascos tomam as medidas.

Um golpe inicial para preparar os buracos dos cravos, e a horrível operação começa.

Um ajudante estica os braços, com a palma da mão voltada para cima. O carrasco toma o cravo (um comprido cravo pontudo e quadrado, que perto da grande cabeça tem 8mm de largura), assenta-lhe a ponta sobre o punho, naquele vinco anterior que ele tão bem conhece por experiência. Uma única marretada e o cravo fixa-se na madeira, onde mais algumas outras pancadas acabarão de fixá-lo sólida e definitivamente.

Jesus não gritou, mas seu rosto deve ter-se contraído horrivelmente. Sentiu uma dor inenarrável, fulgurante, que se espalhou por seus dedos, subiu como uma língua de fogo até as costas e prorrompeu no cérebro. Bem sabemos que a dor mais insuportável que um homem possa experimentar é a do ferimento de um dos grandes troncos nervosos. Quase sempre acarreta o desmaio, o que é uma felicidade. No entanto, Jesus não quis perder a consciência. Se ainda o nervo tivesse sido inteiramente decepado! Mas, qual nada. Eu o sei por experiências: ele fica apenas parcialmente destruído. A ferida desse tronco nervoso continua em contato com o cravo, e logo em seguida, quando o corpo for suspenso o nervo ficará fortemente distendido como uma corda de violino em seu cavalete. Ele vibrará a cada abalo e a cada movimento, renovando a horrível dor. Jesus experimentará isto durante três horas.

O outro braço foi puxado pelo ajudante; os mesmos gestos de então se repetem e as mesmas dores. Mas, desta vez, consideremo-lo bem – Jesus sabe pela experiência o que lhe aguarda. Está agora fixado sobre o patíbulo, ao qual ficam bem encostadas as duas espáduas e os dois braços. Já tem a forma de cruz.

“Vamos colocá-lo de pé!”. O carrasco e seu ajudante seguram as extremidades do patíbulo e erguem o condenado, fazendo-o sentar-se, primeiro, e depois fazendo ficar de pé para em seguida obrigarem-no a recuar até o poste, mas o fazem aos empurrões que repercutem em maiores e terríveis dores nas duas mãos cravadas. Com um grande esforço, de braços erguidos, pois o stipes não é muito alto, rapidamente engancham com habilidade o patíbulo no alto do stipes, onde mais alguns pregos fixam o “titulus” escrito em três línguas: hebraico, grego e latim.

O corpo, apoiando-se sobre os braços que se alongaram obliqüamente, se abaixou um pouco. As costas, feridas pelos açoites e pelo transporte da cruz, roçaram dolorosamente a madeira àspera. As agudas pontas do

grande chapéu de espinhos dilaceraram o crânio mais profundamente ainda. Sua pobre cabeça pende agora para frente, porque a espessura de sua coroa o impede de repousar sobre a madeira, e cada vez que a ergue renova as picadas.

O corpo, pendente, só está sustentado agora pelos cravos plantados nos dois carpos. Assim poderia se sustentar sem mais nada. O corpo não se desloca para frente. Mas o crucificado sente necessidade de se fixar nos pés. Para isto não há necessidade daquele degrauzinho que se vê ao pé de algumas cruzes pintadas por antigos artistas. Basta dobrar um pouco os joelhos e estender os pés com a sola sobre a madeira do stipes. Uma vez que o degrauzinho é inútil, para que dar trabalho a um carpinteiro? Não seria, sem dúvida, para aliviar o sofrimento do crucificado. Mas ainda resta cravar os pés.

O pé esquerdo é apoiado de cheio sobre a cruz. Será perfurado primeiro para marcar a posição onde os dois pés serão cravados definitivamente sobre a madeira. Com uma única martelada, o cravo se enterra plenamente até o meio (entre o 2° e o 3° metatarso). O ajudante também dobra o outro joelho e o carrasco, levando o pé esquerdo, já perfurado, para cima do direito, que o ajudante sustenta sobre a madeira, com uma segunda martelada perfura este outro pé na mesma região. Tudo isto se faz rapidamente, e em seguida, com grandes e firmes golpes, o crucificador finca o cravo nos dois pés até este atingir o lenho e se encravar nele.

Com dois homens trabalhando, a crucificação não deve ter durado muito mais do que cinco minutos, e as feridas estão sangrando muito pouco. Passam então a se ocupar dos dois ladrões, e em breve a três cruzes ficam prontas e guarnecidas diante da cidade ao longe.

Não escutemos todos estes judeus triunfantes que insultam os sofrimentos de Jesus. Ele já os perdoou porque não sabem o que fazem. O corpo de Jesus se inclina e se alonga. Após tantas torturas sobre um corpo esgotado, esta imobilidade parece quase que um repouso, coincidindo com uma baixa de sua resistência vital. Ele sente sede. Ó, não o dissera ainda. Antes de se deitar sobre a cruz, recusara a poção analgésica de vinho misturado com mirra e com fel que lhe haviam preparado as caridosas mulheres de Jerusalém.

Ele quer o sofrimento por inteiro; sabe que é necessário beber aquele cálice amargo até a última gota. Tem sede sim. “A língua adere ao céu da

boca" (Salmo 22.15). Nada comera nem bebera desde a tarde do dia anterior. E já é meio dia. O suor de sangue do Getsêmani, todas as fadigas que sofreu durante a noite, a considerável hemorragia que as chicotadas lhe haviam inflingido no pretório e todas as outras, inclusive este sangue que agora corre das feridas causadas pelos cravos e chagas, tudo subtraiu-lhe boa parte de sua massa sanguínea.

Tem sede. Suas feições estão abatidas, a fisionomia pálida está sulcada de sangue que se coagula por toda a parte. A boca está entreaberta, e o lábio inferior já começou a pender. Um pouco de saliva escorre pela barba, misturada ao sangue proveniente do nariz e do alto da cabeça onde os espinhos espetam dolorosamente. A garganta está seca e abrasada. Ele nem mais consegue deglutir. Tem sede. Neste rosto inchado, deformado e sangrento, como poderíamos reconhecer o mais belo dos filhos dos homens? "Mas eu sou verme, e não homem; vergonha da humanidade desprezado do povo" (Salmo 22.6).

Esse rosto seria hediondo se nele não se visse, apesar de tudo, resplandecer a majestade serena do Deus que quer salvar seus irmãos. Ele tem sede. Daqui a pouco o dirá, para cumprir as Escrituras. E um grande idiota de soldado, disfarçando a própria compaixão sob a zombaria, ensopará uma esponja em vinho e fel e lha erguerá na ponta da lança. Será que ele vai beber pelo menos uma gota? Já se disse que o fato de beber determina, entre estes pobres supliciados, uma síncope mortal. Jesus não aceitará. Ele morrerá na sua hora. Com toda a sua sede.

E aquele quadro de sofrimentos apenas começara. Passados alguns instantes, produz-se um fenômeno estranho. Os músculos dos braços se enrijessem espontaneamente por uma contração que irá se acentuando cada vez mais. Os deltoides e os bíceps estão entesados e salientes; os dedos se crispam. Cãibras! Quem ainda não sentiu, pouco ou muito, essa dor progressiva e aguda em uma barriga de perna, ou entre duas costelas, ou um pouco por toda a parte? É necessário deixarmos tudo para distender e alongar o músculo contraído. Agora, nas coxas e nas pernas de Jesus, pode-se ver saliências de cãibras monstruosas, rígidas, e os dedos dos pés que se crispam também.

Ele parece um ferido atacado de tétano, sofrendo terríveis crises que quem já sofreu e escapou jamais poderá esquecer. É a tetania, que ocorre quando as cãibras se generalizam. Os músculos do ventre se enrijecem como em ondas, depois é a vez dos intercostais, em seguida os músculos

do pescoço e finalmente os músculos respiratórios. A respiração de Jesus tornou-se pouco a pouco mais curta, superficial. As costelas, já elevadas pela tração dos braços, se sobre-elevaram ainda mais. O epigastro torna-se mais fundo, e o mesmo acontece com as covas das clavículas. O ar penetra sibilando, porém quase não sai mais. Ele inspira um pouco, e não mais consegue expirar. Tem imensa necessidade de ar (Parece um asmático em plena crise).

O rosto pálido pouco a pouco fica corado, vermelho, e depois passa à cor violeta púrpura, e em seguida ao azul. É a asfixia. Os pulmões, fartos de oxigênio, não conseguem se esvaziar. A testa se cobre de suor, os olhos tornam-se maiores e quase saltam das órbitas. Que dor atroz deve estar martelando o seu crânio! Jesus vai morrer.

Mas a sua hora final ainda não chegou. Que estará acontecendo agora? Lentamente, com um esforço sobre-humano, ele toma um ponto de apoio sobre o cravo dos pés. Sim! sobre as duas chagas. Os tornozelos e os joelhos pouco e pouco se estendem, e o corpo, a arrancões, ergue-se, aliviando assim a tração dos braços (tração que certamente era de mais de 80 quilos para cada mão). Então, eis que o fenômeno diminui por si mesmo, a tetania regride, os músculos se distendem, pelo menos os do peito. A respiração torna-se mais ampla e mais profunda, os pulmões se desenfartam, e pouco a pouco o rosto retoma sua palidez anterior.

Porque todo este esforço? É que ele quer falar. “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Sim, que Deus perdoe a nós, que somos seus carrascos. Passados alguns instantes, seu corpo começa a descer de novo… a tetania vai recomeçar. Cada vez que ele falar (nos foram conservadas pelo menos sete dessas frases), e cada vez que quiser respirar, ser-lhe-á necessário reerguer-se para poder tomar hálito, mantendo-se de pé sobre o cravo dos pés. E cada movimento repercute em suas mãos em dores indescritíveis. É como a asfixia periódica de alguém que estivesse sendo estrangulado, e que lhe fosse permitido retomar o fôlego antes de morrer, para o tornar a sufocar, várias vezes. Ele não poderá escapar dessa asfixia a não ser por um momento, ao preço de sofrimentos atrozes e por um ato voluntário. E isto durará três horas.

Jesus morrerá em breve. Mas bem sei, Senhor, que a ressurreição te espera e que teu corpo não apodrecerá como os nossos. Está escrito: “Pois não deixarás minha alma no Seol, nem permitirás que teu Santo veja corrupção” (Salmo 16.10). Mas quem conhece a Palestina e já pesquisou

sobre os insetos existentes naquele época, pode muito bem imaginar o enxame de moscas terríveis, grandes moscas de cor verde e azul, que certamente passou a turbilhonar em volta do corpo de Jesus. Elas devem ter pousado sobre suas chagas para sugar-lhes a serosidade e ali depositar seus ovos. Elas pousavam incomodamente sobre o seu rosto, e era impossível repeli-las. Por felicidade, depois de algum tempo, o céu se escureceu, o sol se escondeu, e de repente passou a fazer muito frio, e essas filhas de Beelzebu abandonaram pouco a pouco o Calvário.

Jesus está nos últimos momentos de sua luta. De vez em quando se ergue. Todas as dores, a sede, as cãibras, a asfixia e as vibrações de dores que vêm de todo o seu corpo enviam informações ao seu cérebro. Seu Pai parece tê-lo abandonado. "Eli Eli, láma sabactâni?" – "Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?" (Mateus 27.46; Salmo 22.1).

Agora ele sabe que o momento final chegou. Diz: "Está consumado" (João 19.30). A taça agora está vazia. Sua missão no Calvário está terminada. "Então Jesus bradou em alta voz: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. Tendo dito isto, expirou" (Lc 23.46).

Senhor, sejas louvado por teres te dignado morrer por nós. Porque já não mais podíamos acompanhar os teus sofrimentos. Agora está tudo bem. Ao dares o teu último suspiro, tua cabeça se inclinou lentamente em direção a mim. Vejo agora bem de frente tua fisionomia distendida, serena, que apesar de tantas e horrendas feridas ilumina a majestade muito doce do Deus que sempre ali está. Prosto-me de joelhos diante de ti. Obrigado Jesus, por teres assumido o meu lugar e morrido por mim. A Terra tremeu e o Sol se eclipsou. José de Arimateia foi requisitar teu corpo a Pilatos, que não o recusará.

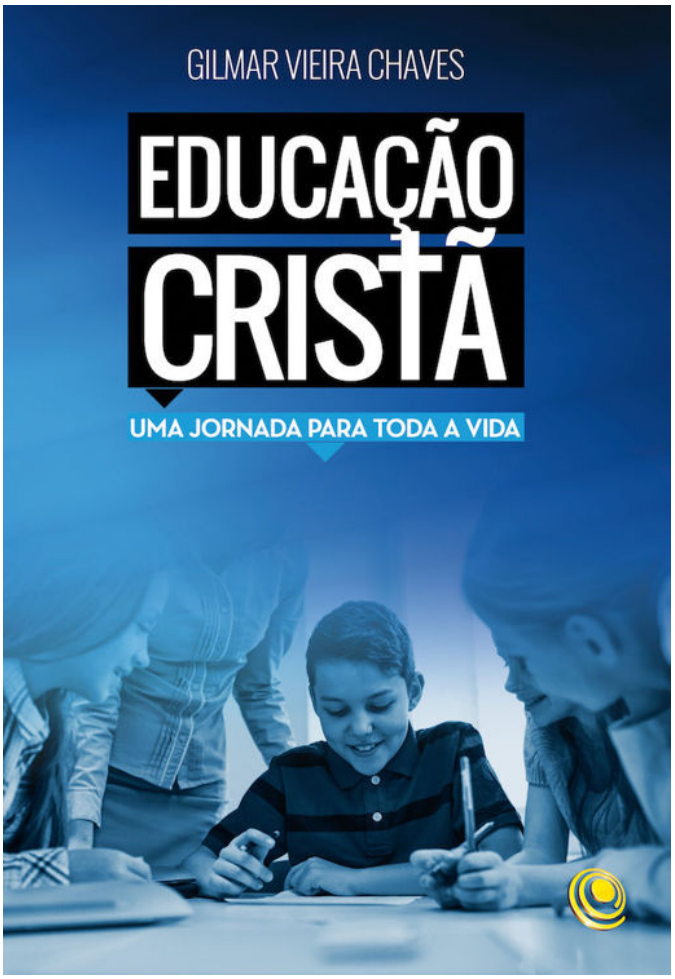
Logo que José voltar com a autorização, tu serás descido da cruz e levado para diante do túmulo, onde te prepararão para o sepultamento. Mas antes mesmo que esse pedido seja feito, um soldado, em um gesto brutal, ergue a haste da lança e, com um único golpe oblíquo, mergulha-a profundamente em teu tórax pelo lado direito (Jo 20.34). João bem o viu. Uma grande golfada de sangue líquido e negro correu lentamente do teu peito, ali se coagulando em camadas sucessivas. Mas, simultaneamente, muito mais visível nos bordos do fluxo, correu um líquido claro e límpido como água. O ferimento foi produzido abaixo e por fora do mamilo; o golpe foi oblíquo. É, portanto, o sangue da aurícula direita, e a água provém do pericárdio. Mas então, meu pobre Jesus, teu coração estava

comprimido por esse líquido e tu estavas sentindo também, além de tudo o mais, esta dor angustiosa e cruel do coração apertado como num torno!

Talvez os judeus também receassem que tu não estivesses morto, mas apenas desfalecido. Tua ressurreição pedia por este testemunho. Obrigado, soldado, obrigado.

Agora, leitor, agradeçamos a Deus que me deu forças para eu escrever tudo isto até o fim, não sem lágrimas. E que esse relato resulte para você e para mim em uma vida mais fiel, mais santa, mais grata, mais próxima desse Jesus crucificado. Amém.

CENTRAL
GOSPEL



Disponível também no formato ebook
www.editoracentralgospel.com

GILMAR VIEIRA CHAVES
EDUCAÇÃO CRISTÃ
UMA JORNADA PARA TODA A VIDA

Educação cristã

Chaves, Gilmar
9788576895183
180 páginas

Compre agora e leia

O que envolve a tarefa de ensinar? Qual o papel do professor em sala de aula e que competências são exigidas dele? Quais os principais métodos educacionais utilizados pelo Mestre dos mestres para ensinar Seus discípulos? Qual a relevância da educação cristã para o crescimento da Igreja e uma ação eficaz dela na sociedade, em cumprimento ao ide de Jesus? Que recursos os professores de escola dominical podem utilizar para melhorar suas aulas, atrair o interesse dos alunos e levá-los a crescer espiritual e intelectualmente? Neste livro, essas e outras questões são discutidas de forma clara e objetiva, contribuindo para a conscientização e a formação de educadores cristãos, de modo a levá-los ao aprimoramento de sua função e a otimizar os resultados obtidos.

Compre agora e leia

DOUGLAS NESCHLING
GUIA
fácil
para entender a
BÍBLIA

Guia fácil para entender a Bíblia

Neschling, Douglas
9788576895442
290 páginas

Compre agora e leia

Se uma pessoa curiosa e inteligente que não conhecesse a Bíblia Sagrada, resolvesse lê-la pela primeira vez, passaria a admirar esse Livro extraordinário e único, e certamente faria as seguintes perguntas: Quem escreveu a Bíblia? Como ela adquiriu a sua forma atual? Por que está dividida em Antigo e Novo Testamento? Qual é o significado do nome Bíblia? Qual é o seu tema principal? Quais são os assuntos fundamentais de cada um dos seus 66 livros? O que é um livro canônico? O que é um livro apócrifo? E muitas outras perguntas dessa natureza. Guia Fácil para Entender a Bíblia tem como principal objetivo responder estas questões. Preparar uma obra como esta requer precauções de diversas naturezas. A primeira é que não devemos contemplar o majestoso edifício da verdade divina, que é a Bíblia, como meros espectadores. Devemos nos incluir sempre no contexto de suas lições existenciais e espirituais. A segunda é que a Bíblia jamais deve ser considerada meramente como um livro. Ela é única, é o Livro dos livros, é a Palavra de Deus. Que o leitor faça bom proveito da leitura desse Guia Fácil, e passe a entender a Bíblia com muito mais amplitude e profundidade, para seu maior proveito espiritual e para a glória de Deus.

Compre agora e leia

PROVAS DA
EXISTÊNCIA DE
Deus
JEFFERSON MAGNO COSTA

Provas da existência de Deus

Costa, Jefferson Magno
9788576895015
200 páginas

Compre agora e leia

Este livro reúne as mais belas e sólidas provas da existência de Deus. Dando asas a seu estilo peculiar de defender as verdades eternas do evangelho com um toque poético, seu autor mergulha fundo no oceano das literaturas universal e cristã em busca de pérolas de alto valor, que confirmem a sua apaixonante certeza de que Deus, de fato, existe e nos ama com amor eterno. O diversificado leque de capítulos deste livro reúne temas, como: Os primeiros homens e a ideia de Deus; Jamais foram encontrados povos ateus; A existência de Deus testemunhada pela criação; Deus na consciência do ser humano; Um Deus ou vários deuses? A negação da existência de Deus; Deus, segundo os cientistas.

Compre agora e leia

DJALMA PINHO, PhD

FAÇA-ME UM FAVOR:

VIVA O SEU MILAGRE

INCLUI AGENDA DE TRANSFORMAÇÃO:
21 DIAS PARA DESENVOLVER UMA FÉ PODEROSA!

Faça-me um favor

Pinho, Djalma
9788576896142
192 páginas

Compre agora e leia

A inteligência espiritual (QS) leva a uma vida de propósito e de valor superior, gerando na pessoa um senso de direção e disposição, com energia para as realizações e a superação de desafios. É um meio pelo qual o Criador promove o controle e a mudança de hábitos necessários para o melhor funcionamento do ser, conduzindo-o à felicidade e à alta performance. Ao desvendar o código utilizado por Jesus para o desenvolvimento da QS, descobri o impacto que ela promove em nós para uma vida de milagres. Muitas vezes, queremos um milagre em nossa vida e achamos que ele depende apenas de Deus, esquecendo-nos de que existe a nossa parte nesse processo. Por esse motivo, resolvi escrever este livro. Tenho certeza de que os milagres estão mais próximos do que você imagina. Acredito que muitas coisas já foram liberadas para você! E, mesmo que você não as veja, porque talvez "o mar esteja fechado", a "vara" já está na sua mão!

Compre agora e leia

CLAUDIO DUARTE

SEXUALIDADE

SEM CENSURA

Sexualidade sem censura

Duarte, Claudio
9788576895800
128 páginas

Compre agora e leia

Sexo! Este assunto tão delicado no meio cristão é abordado de forma simples e descomplicada pelo Pr. Claudio Duarte, que, de maneira bem descontraída, aponta tópicos importantes sobre a motivação e a liberdade no ato sexual. Além disso, esclarece dúvidas corriqueiras em relação ao certo e errado na intimidade do casal. Prepare-se para ser abençoado em seu casamento com muita alegria e bom humor!

Compre agora e leia